

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação
Bacharelado em Biblioteconomia

Sandra Neusa Schatkoski Apratto

**Como está hoje o acervo da FIGTF? Memória e tratamento da informação após
a dispersão do acervo físico**

Porto Alegre

2024

Sandra Neusa Schatkoski Apratto

**Como está hoje o acervo da FIGTF? Memória e tratamento da informação após
a dispersão do acervo físico**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito parcial à obtenção do título de
bacharel em Biblioteconomia da Faculdade
de Biblioteconomia e Comunicação da
Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Profa. Ma. Marlise Maria
Giovanaz.

Porto Alegre

2024

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor: Prof. Dr. Carlos André Bulhões Mendes

Vice-Reitora: Profa. Dra. Patricia Helena Lucas Pranke

FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO

Diretora: Profa. Dra. Ana Maria Mielniczuk de Moura

Vice Diretora: Profa. Dra. Vera Regina Schmitt

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO

Chefe: Prof. Dr. Rene Faustino Gabriel Júnior

Chefe Substituto: Profa. Dra. Caterina Marta Groposo Pavão

COMISSÃO DE GRADUAÇÃO DO CURSO DE BIBLIOTECONOMIA

Coordenadora: Profa. Dra. Maria Lúcia Dias

Coordenadora Substituta: Profa. Dra. Helen Rose Flores de Flores

CIP - Catalogação na Publicação

Apratto, Sandra Neusa Schatkoski

Como está hoje o acervo da FIGTF? Memória e
tratamento da informação após a dispersão do acervo
físico / Sandra Neusa Schatkoski Apratto. -- 2024.
95 f.

Orientador: Marlise Maria Giovanaz.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade
de Biblioteconomia e Comunicação, Curso de
Biblioteconomia, Porto Alegre, BR-RS, 2024.

1. dispersão de acervo. 2. FIGTF. 3. memória. 4.
tratamento da informação. I. Giovanaz, Marlise Maria,
orient. II. Título.

Sandra Neusa Schatkoski Apratto

**Como está hoje o acervo da FIGTF? Memória e tratamento da informação após
a dispersão do acervo físico**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito à obtenção do título de
bacharel em Biblioteconomia da Faculdade
de Biblioteconomia e Comunicação da
Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Aprovada em 16 de agosto de 2024.

BANCA EXAMINADORA:

Profa. Ma. Marlise Maria Giovanaz - Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Orientadora

Prof. Dr. Rafael Port da Rocha - Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Examinador

Prof. Dr. Rene Faustino Gabriel Junior - Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Examinador

Dedico este trabalho aos meus pais, que
abaixo de sol forte, fizeram-me chegar na
sombra.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por permitir que eu chegasse até aqui; aos meus pais que me ensinaram a ser resiliente; aos meus filhos e esposo por terem tido muita paciência nesta longa caminhada; a minha orientadora que me emprestou seus próprios ombros para que eu alcançasse mais este degrau.

***"Em algum lugar de um livro,
há uma frase esperando por nós,
para dar um sentido à existência..."***

Miguel de Cervantes

RESUMO

Para responder como está hoje o acervo da Fundação Instituto Gaúcho de Tradição e Folclore (FIGTF), este trabalho investiga o tratamento da informação e a organização do acervo após sua extinção e a dispersão de seu acervo. A análise de como ocorreu a dispersão do acervo da FIGTF, especialmente no que diz respeito à maneira como a informação foi tratada e organizada, possibilita entender as consequências e os impactos que esse processo pode ter na preservação da cultura e da história do Rio Grande do Sul. A pesquisa analisou como o acesso às informações foi estruturado e como as instituições responsáveis pela guarda das coleções lidam com o desafio de preservar e divulgar a memória da tradição gaúcha. Foram realizadas sete entrevistas semi-estruturadas, uma com cinco instituições responsáveis pelos acervos, que foram transcritas e analisadas. Foi observado o conhecimento prévio acerca do acervo, os impactos enfrentados na aquisição das coleções, o tipo de tratamento dado e as medidas que permitem o acesso à sociedade. Tratou-se da memória social e coletiva, e suas relações com o tratamento da informação.

Palavras-chave: dispersão de acervo; FIGTF; memória; tratamento da informação.

ABSTRACT

To answer how the collection of the Fundação Instituto Gaúcho de Tradição e Folclore (FIGTF) is today , this work investigates the processing of information and the organization of the collection after its extinction and the dispersion of its collection. The analysis of how the dispersion of the FIGTF collection occurred, especially with regard to the way the information was treated and organized, makes it possible to understand the consequences and impacts that this process can have on the preservation of the culture and history of Rio Grande do Sul. South. The research analyzed how access to information was structured and how the institutions responsible for guarding the collections deal with the challenge of preserving and disseminating the memory of the Gaucho tradition. Seven semi-structured interviews were carried out, one with five institutions responsible for the collections, which were transcribed and analyzed. Previous knowledge about the collection, the impacts faced in acquiring the collections, the type of treatment given and the measures that allow access to society were observed. It dealt with social and collective memory, and its relationships with the processing of information.

Keywords: collection dispersion; FIGTF; memory; information processing.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Itens registrados no sistema ABCD pela Biblioteca Natho Henn..	29
Figura 2 - Descrição de uma caixa do acervo fotográfico do MUSECOM....	31
Figura 3 - Sistema de catalogação dos diapositivos criado pela FIGTF.....	31
Figura 4 - Pesquisa por “FIGTF” no site da MUSECOM.....	32
Figura 5 - Busca por “FIGTF” no portal da BPE.....	34
Figura 6 - Caixa com identificação da AHRS e FIGTF.....	35
Figura 7 - Documento da caixa FIGTF - C.5.....	35
Figura 8 - Dossiê de edições dos festivais.....	36
Figura 9 - Pastas originais da FIGTF no MARS.....	37
Figura 10 - Caixa e pasta tratadas da FIGTF pelo MARS.....	37
Figura 11 - Identificação de objeto tridimensional na prateleira.....	38
Figura 12 - Objeto tridimensional (bola de ferro) catalogado pela FIGTF.....	38
Figura 13 - Objeto do acervo da FIGTF sem identificação no MARS.....	39
Gráfico 1 - Linha do tempo da FIGTF.....	20

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABCD	Automação de Bibliotecas e Centros de Documentação
AHRS	Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul
BHGS	Biblioteca e Hemeroteca Glaucus Saraiva
BPE	Biblioteca Pública do Estado
BRAPCI	Base de Dados em Ciência da Informação
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CD	Compact Disc
CDU	Classificação Decimal Universal
CTG	Centro de Tradições Gaúchas
DPNH	Discoteca Pública Natho Henn
FAMUPA	Faculdade de Música Palestrina de Porto Alegre
FIGTF	Fundação Instituto Gaúcho de Tradição e Folclore
IGTF	Instituto Gaúcho de Tradição e Folclore
ITF	Instituto de Tradição e Folclore
LP	Long-Play
MARS	Museu de Arte do Rio Grande do SUL
MTG	Movimento Tradicionalista Gaúcho
MUSECOM ...	Museu da Comunicação Hipólito José da Costa
REPHO	Repositório de Entrevistas de História Oral da UFRGS
RS	Rio Grande do Sul
SABi	Sistema de automação de bibliotecas
SEDAC	Secretaria de Estado da Cultura

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	12
2	MEMÓRIA E TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO DA EXTINTA FIGTF.....	16
3	FUNDAÇÃO INSTITUTO GAÚCHO DE TRADIÇÃO E FOLCLORE (FIGTF)...	20
4	FONTES E METODOLOGIA.....	25
4.1	DISCOTECA PÚBLICA NATHO HENN (DPNH).....	28
4.2	MUSEU DE COMUNICAÇÃO SOCIAL HIPÓLITO JOSÉ DA COSTA (MUSECOM).....	30
4.3	BIBLIOTECA PÚBLICA DO ESTADO (BPE).....	32
4.4	ARQUIVO HISTÓRICO DO RIO GRANDE DO SUL (AHRS).....	34
4.5	MUSEU ANTROPOLÓGICO DO RIO GRANDE DO SUL (MARS).....	36
5	ANÁLISE DOS DADOS COLETADOS.....	40
5.1	CONHECIMENTO PRÉVIO DA FIGTF.....	40
5.2	IMPACTOS ENFRENTADOS NO ATO DA AQUISIÇÃO/RECEBIMENTO DA COLEÇÃO.....	41
5.3	TRATAMENTO DA COLEÇÃO.....	41
5.4	MEDIDAS TOMADAS PARA PERMITIR O ACESSO DA SOCIEDADE AO MESMO.....	44
5.5	QUAL A IMPORTÂNCIA DO ACERVO DO FIGTF PARA A MEMÓRIA DO RS SEGUNDO SUA OPINIÃO?.....	47
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	49
	REFERÊNCIAS.....	52
	APÊNDICE A - Termo de Consentimento.....	57
	APÊNDICE B - Roteiro base para a entrevista.....	58
	APÊNDICE C - Entrevista DPNH.....	59
	APÊNDICE D - Entrevista MUSECOM 1.....	64
	APÊNDICE E - Entrevista MUSECOM 2.....	69
	APÊNDICE F - Entrevista BPE 1.....	75
	APÊNDICE G - Entrevista BPE 2.....	79

APÊNDICE H - Entrevista MARS.....	83
APÊNDICE I - Entrevista AHRs.....	88
ANEXO A - Organograma das Entidades Custodiadoras.....	90
ANEXO B - Acervo MARS (pastas A-Z).....	91

1 INTRODUÇÃO

No dia 16 de janeiro de 2017 a Fundação Instituto Gaúcho de Tradição e Folclore (FIGTF), instituição pública estadual, foi extinta por meio da Lei nº 14.978, de (Rio Grande do Sul, 2017). Esta instituição atuou durante 56 anos no estado do Rio Grande do Sul (RS) promovendo investigações e difusão de conhecimento a respeito das tradições e do folclore do estado do RS. Durante sua existência produziu vasto acervo que no ato de sua extinção foi dividido entre 5 instituições públicas.

Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) busca analisar o tratamento da informação e organização do acervo¹ após a extinção da FIGTF, entendendo como o acesso à informação foi equacionado e como as diferentes instituições responsáveis pela guarda atual das coleções² lidam com o desafio de preservar e divulgar a memória gaúcha gerada por este Instituto.

A relevância deste estudo baseia-se na geração, tutela, divulgação e no direito da sociedade ao acesso à memória gerada por este acúmulo de informações a respeito da tradição gaúcha. Este trabalho permite ao leitor acessar esta memória que hoje já não existe em sua completude devido a dispersão do acervo da FIGTF e analisa como o Estado divulga esta memória gerada ao longo de 56 anos de atividade da FIGTF. Nedel (2005, p. 252), em seus estudos, esclarece que:

[...] o culto às “tradições”, compreendidas como ponte com um passado de cuja presença dependeria toda possibilidade de estabilidade futura. Desta forma, os “cultores da tradição” pretendem mantê-lo na memória não apenas recorrendo às dimensões restritas da escrita, mas sob o aspecto mais tangível e coletivo da encenação cerimonial do linguajar e dos costumes, da indumentária, gastronomia e todos os demais aspectos ligados à vida na estância.

Neste trabalho nos interessou dissertar sobre memória social e coletiva, e suas relações com o tratamento da informação. Faz-se necessário entender como este acervo surgiu e cresceu a ponto de ser relevante de ser estudado e analisado na academia, para tanto foi apresentado um breve histórico da FIGTF para entender os impactos junto à sociedade desta dispersão, apoiado em dados recolhidos em visitas aos locais de guarda das respectivas coleções (ANEXO A), em entrevistas com os

¹ Para fins de diferenciação neste trabalho, o termo “acervo” será usado para referir ao conjunto completo de itens da FIGTF antes do particionamento.

² O termo “coleção” será usado para referir ao conjunto parcial de itens da FIGTF após o particionamento.

responsáveis por esta guarda e por disponibilizar estas coleções para a sociedade (APÊNDICE B).

Este estudo tem como **objetivo principal**, entender como o poder público, responsável pela salvaguarda do mesmo, trata as coleções da FIGTF tendo como parâmetro o conceito de tratamento da informação e como **objetivos específicos** analisar o estado físico e catalográfico atual de tão importante acervo para a preservação da tradição gaúcha e como quais os impactos desta dispersão do acervo em coleções divididas fisicamente em locais distintos; como é o acesso físico às coleções e se o tratamento dado à informação permite que o conteúdo seja acessado de maneira adequada.

A pesquisa apresentada tem como **justificativa** o fato da análise de dispersão do acervo da extinta FIGTF ser relevante para compreender as implicações desse processo na preservação da memória, pois a maneira como essas coleções são tratadas reflete em como a sociedade está tendo acesso a estas coleções.

Desta forma, esta monografia buscou responder ao seguinte **problema de pesquisa**: Como está hoje o acervo da FIGTF?

Desde muito cedo quem mora no Rio Grande do Sul aprende a cultivar a cultura gaúcha: na escola, nos grupos de dança, nos Centros de Tradição Gaúcha (CTG) e nos Movimentos de Tradição Gaúcha (MTG). Lembro de fazer trabalhos na escola, de ter acesso a culinária típica na semana farroupilha, de ser incentivada a tomar chimarrão, a cantar, dançar e usar vestido de prenda. Lembro com tristeza das informações sobre a extinção do FIGTF e, antes mesmo de direcionar meus estudos para a área da Biblioteconomia, já me questionava o que seria feito do acervo da FIGTF, quem iria cuidar? catalogar? organizar? a população teria acesso? Aproveito esta monografia para sanar essa curiosidade e contribuir com a sociedade que também tem questionamentos a respeito de quais informações estão contidas neste acervo tão rico e extenso. Esta necessidade é confirmada pelo MUSECOM (2023, p. 87) quando afirma que:

A dispersão é uma realidade que se processa principalmente no âmbito da esfera pública e, dadas as suas causas, é muito difícil imaginar que novos casos como o da FIGTF de acervos divididos entre diferentes unidades não se repetirão. Estabelecermos mecanismos mais qualificados para tratar destas realidades é, portanto, imprescindível. Estes mecanismos devem servir à qualificação do acesso, confrontando situações complexas. Esse desafio precisa ser objeto da atenção não apenas de arquivistas, bibliotecários e museólogos, mas também de historiadores, porque estes representam em larga medida o olhar dos potenciais usuários desse acervo, que compreendem

esse patrimônio documental principalmente sob a perspectiva de Fonte histórica.

A extinção da FIGTF e a fragmentação de seu acervo, pode, por um lado, comprometer a integridade e acessibilidade desse conhecimento, bem como a continuidade de pesquisas e estudos sobre a cultura gaúcha. No entanto, por outro pode garantir a conservação adequada dos itens, já que os mesmos estão agora alocados conforme o formato físico, em locais adequados para esta conservação.

Para isso, a análise da dispersão do acervo da FIGTF, sob ponto de vista do tratamento e organização da informação, permite compreender as implicações e os efeitos que esse processo pode ter para a preservação da cultura e da história do Rio Grande do Sul. As Ciências da Informação (Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia) se preocupam com a organização, preservação, acesso e transmissão da informação, tornando-se essencial para a compreensão dos processos de gestão de acervos culturais e de gestão de coleções.

O papel do profissional da informação é fundamental para garantir a organização e preservação do acervo de uma instituição. Quando se trata da FIGTF, essa responsabilidade se torna ainda maior, já que estamos falando de um valioso e extenso acervo (aproximadamente 12.000 itens sobre a tradição gaúcha no Rio Grande do Sul). O objetivo principal deste profissional ao analisar a dispersão do acervo da FIGTF é garantir que o tratamento da informação contida em todo o material seja feito de maneira que atenda as especificidades de seu conteúdo, catalogando e organizando da maneira mais eficiente possível para garantir que este registro cumpra seu papel informacional, pois, segundo Lima; Fujita; Redigolo (2021, p. 285) “quando o indexador analisa um documento, deve ter em mente em qual contexto o documento foi produzido, para quem ele será destinado e como ele será recuperado”. Isso significa que o profissional precisa conhecer profundamente o acervo e entender as necessidades da instituição para tomar as melhores decisões.

Analisar como está sendo tratada hoje a informação contida nos itens das coleções desmembradas do acervo da FIGTF e se garantiu a preservação da memória da cultura gaúcha contida no acervo original, descrever o estado físico e catalográfico atual de tão importante acervo a tradição gaúcha; analisar como o poder público, responsável pela salvaguarda do mesmo, trata as coleções de tendo como parâmetro o conceito de tratamento da informação; identificar os impactos desta dispersão do acervo em coleções divididas fisicamente em locais distintos.

Deste modo, esta monografia está estruturada nas seguintes seções:

- a) **Seção 1** – Apresenta a Introdução que descreve o objeto da pesquisa; a justificativa quanto à escolha do tema que levou a pesquisar a temática em questão; o problema de pesquisa, bem como seus objetivos (geral e específicos).
- b) **Seção 2** - Denominada memória e tratamento da informação da extinta FIGTF, esta seção apresenta a fundamentação teórica desta monografia, que baseia-se nos seguintes pilares conceituais: conceito de memória social ou coletiva, memória e linguagem, direito à memória e tratamento da informação.
- c) **Seção 3** - Nomeada como Fundação Instituto Gaúcho de Tradição e Folclore, apresenta a instituição extinta, caracterizando e contextualizando o campo de pesquisa, de modo que o leitor conheça o objeto de estudo.
- d) **Seção 4** - A seção "Fontes e Metodologia" aborda os problemas metodológicos da pesquisa e sua abordagem, explica a metodologia empregada, os métodos e técnicas empregados no estudo, bem como o universo e a amostra da pesquisa, os instrumentos de pesquisa e a coleta de dados. Esta seção compreende as subseções que apresentam as instituições visitadas e as observações feitas no diário de campo. Esta seção compreende as subseções que apresentam as seguintes instituições visitadas e as observações feitas no diário de campo: Discoteca Pública Natho Henn (DPNH), Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa (MUSECOM), Biblioteca Pública do Estado (BPE), Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul (AHRs) e Museu Antropológico Do Rio Grande Do Sul (MARS).
- e) **Seção 5** - Nomeada Análise, apresenta os resultados encontrados com base nos dados coletados nas sete entrevistas e cinco visitas, esta seção apresenta subseções ordenadas de acordo com as perguntas do questionário aplicado. São elas: conhecimento prévio do acervo, impactos enfrentados no ato da aquisição/recebimento da coleção, tratamento da coleção hoje, acesso da sociedade às coleções e qual a importância do acervo do FIGTF para a memória do RS.
- f) **Seção 6** - Apresenta as considerações finais a respeito do tema apresentado.

2 MEMÓRIA E TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO DA EXTINTA FIGTF

Muitos estudiosos conceituaram a “memória” ao longo do tempo. Esta pesquisa não pretende se aprofundar na conceituação do termo “memória”, mas entender como a memória se relaciona com o tratamento da informação em uma instituição pública. Para atingir este objetivo pretendemos fazer o leitor entender que a memória coletiva precisa de um suporte para se manter: o registro. E que o poder público pode (ou não) manipular esta memória coletiva para converter em memória oficial.

Genericamente existem dois tipos de memória, a individual, que é fisiológica e psicologicamente determinada e explicada em exaustivos estudos que não serão mencionados nesta pesquisa e a social (ou coletiva), que se refere à memória de dois ou mais indivíduos unidos por afinidade é possibilitada pela comunicação (Dantas, 2010).

Os conceitos de memória individual e memória coletiva se relacionam conforme proposto por Melo Filho (2016, p. 6):

[...]a memória coletiva é partícipe da memória individual, que se configura como importante fator determinante da identidade dos sujeitos e, portanto, entendendo a memória como um estado de consciência, visto que as lembranças são permanentemente evocadas em um conjunto de representações que formam a identidade.

Já Chauí (2001, p. 163) define memória em seis grandes tipos, destes tipos sua definição de memória social ou histórica é a que define a justificativa de preservação do acervo da FIGTF:

Memória social ou histórica, que é fixada por uma sociedade através de mitos fundadores e de relatos, registros, documentos, monumentos, datas e nomes de pessoas, fatos e lugares que possuem significado para a vida coletiva. Excetuando-se os mitos, que são fabulações, essa memória é objetiva, pois existe em objetos (textos, monumentos, instrumentos, ornamentos, etc.) e fora de nós.

Neste sentido, a memória coletiva é importante pois “constrói a identidade coletiva de um grupo social [...], dá sustentação à memória individual [...] e permite ao indivíduo conhecer fatos que não presenciou” (Dantas, 2010, p.55). Em linhas gerais, Dantas dialoga sobre a importância da promoção da memória na medida em que ela é um processo dialético entre o passado e o presente e descreve memória como “processo seletivo de retenção e utilização contínua de ideias, impressões, imagens, conhecimentos e experiências adquiridos e vividos anteriormente” (Dantas, 2010, p. 52).

Sobre esse processo seletivo de retenção e utilização Halbwachs (1990, p. 47) sentencia que “de uma maneira ou de outra, cada grupo social empenha-se em manter uma semelhante persuasão junto a seus membros”, ou seja, para se tornar memória coletiva de um grupo é preciso que haja consenso sobre o registro dessa memória, se é importante para o grupo lembrar. Seguindo este pensamento, à medida que os grupos se alteram, as memórias destes grupos também sofrem alterações: o que ontem era relevante ser lembrado, hoje passa a não ser mais (Halbwachs, 1990), e quando esta memória não tem mais o suporte do grupo para conservar a lembrança, resta como única alternativa “fixá-las por escrito em uma narrativa seguida uma vez que as palavras e os pensamentos morrem, mas os escritos permanecem” (Halbwachs, 1990, p. 80).

Quando falamos de memória social, estes objetos, registros, documentos e fatos são significativos e formadores de identidade para determinado grupo, seguindo os estudos de Chauí (2001, p. 352), fica evidenciado a atenção para “os diferentes suportes da memória coletiva (documentos, monumentos, pinturas, fotografias, filmes, moedas, lápides funerárias, testemunhos e relatos orais e escritos, etc.)” como descritores desta memória social.

A partir deste raciocínio Dantas (2010, p. 55) afirma que “[...] a memória e a construção de um direito a ela encontram-se vinculadas a duas questões políticas fundamentais: a identidade cultural e a autodeterminação dos povos”, destes dois conceitos, a memória contribui para a formação da identidade cultural e autodeterminação do povo gaúcho, mas estes dois conceitos não serão objeto de estudo deste trabalho, pois interessa saber como o Estado intervém no processo de memória coletiva transformando-a em memória oficial, ou seja, como, sob o poder público, a memória coletiva se transforma em memória oficial alicerçada na versão oficial da história (Dantas, 2010).

Sobre esta intervenção do Estado, a historiadora Nedel (2004), em seus estudos sobre memória coletiva e identidade, esclarece que “Nas décadas de trinta e quarenta, consagra-se, no Brasil, o parâmetro regionalista de composição literária e pictórica da cultura nacional, que havia sido lançado pelos modernismos” (Nedel, 2004, p. 383), mas é na década de 50 (cinquenta) que o poder público se apropriou de movimentos regionais e incorporou-os no “processo de elaboração de bens simbólicos nacionais” (Nedel, 2004, p. 361). Deste movimento nacional o RS não ficaria de fora, criando o Instituto de Tradições e Folclore (ITF): “instituição

predestinada a servir de abrigo e lugar de formação técnica para seus praticantes” (Nedel, 2005, p. 9). A autora também diz que:

[...] era um órgão paragovernamental sem sede nem dotação orçamentária própria, mas com um intelectual de grande capital social no comando, o ITF tirou jovens aprendizes do anonimato e concretizou o acolhimento oficial do tradicionalismo à estrutura estadual de governo, pelo que foi possível associar burocraticamente ao estudo do Folclore o culto à Tradição (Nedel, 2005, p. 154).

O governo do estado do RS buscou transformar a memória coletiva gaúcha em memória oficial quando decidiu criar a FIGTF e a forma como os itens foram adquiridos, organizados e tratados (ou não) na criação da memória oficial da cultura gaúcha demonstra este fato.

Durante anos a FIGTF participou, organizou, incentivou e financiou ações visando criar esta memória oficial. Estas atividades geraram um acervo riquíssimo de itens nos mais diversos formatos (livros, discos, recortes de jornal, fotos, diapositivos, vestimentas, objetos). Alguns itens foram organizados e sua informação de conteúdo tratada gerando registros, outros organizados por assunto sem que fossem registrados, outros guardados para posterior tratamento.

Voltamos aqui para a importância da linguagem no tratamento da informação para a geração da memória coletiva, Chauí (2001, p. 197) nos esclarece que “A linguagem articula percepções e memórias, percepções e imaginações, oferecendo ao pensamento um fluxo temporal que conserva e interliga as idéias”.

A Ciência da Informação trata este registro criado de modo a analisar “esse objeto de maneira a conferir-lhe um caráter informacional, indo além do sentido da guarda e da preservação” (Silva; Cavalcante; Nunes, 2018, p. 104), e sua formação deve ser plural para atender a interdisciplinaridade entre instituições:

A formação plural [...] é essencial, pois a atuação profissional pode ocorrer em diversos contextos, como bibliotecas públicas, escolares, universitárias, especializadas, arquivos, centros de documentação, entre outros. Cada um desses contextos tem suas particularidades e demandas específicas. Sendo assim, os bibliotecários devem buscar conhecimentos, competências e habilidades adicionais para atender às necessidades dos usuários e otimizar os serviços e produtos de informação em cada ambiente. (Valentim, 2024, p. 34).

Para que este registro cumpra seu papel informacional, um dos processos mais importantes para a organização da informação deve ser aplicado: a indexação, por Lima; Fujita; Redigolo (2021, p. 285), esclarece que “esse processo tem como objetivo gerar uma representação do assunto de um documento, levando em consideração o contexto no qual a informação foi produzida e será utilizada”.

Em seus estudos sobre indexação, Garcia e Redigolo (2020, p. 4) afirmam que:

Convém destacar, assim, que a atividade de indexação influi e condiciona o sucesso da recuperação da informação, de maneira que se for mal executada acarretará prejuízos no acesso aos documentos disponíveis no acervo, pois não responderá de forma adequada aos pedidos do usuário no momento da pesquisa no sistema.

É importante observar aqui que a palavra contexto assume aspectos inter relacionados mencionados por Lima; Fujita; Redigolo (2021, p. 283) como “físico, psicológico, social, sociocognitivo e cultural” e é considerando todos esses aspectos que o indexador avalia a informação. O indexador, por sua vez, quando analisa um registro deve levar em conta:

[...] em qual contexto o documento foi produzido, para quem ele será destinado e como ele será recuperado. Para isso, ele deve entender o potencial de uso do documento no ambiente de recuperação, pois supõe-se que não se pode determinar e representar o assunto de um documento analisado sem alguma compreensão do uso futuro dele. Nesse caso, se o indexador levar em conta o contexto no momento da indexação, impactará positivamente na recuperação da informação. Por isso, o processo de indexação é importante tanto na representação do conteúdo de um documento quanto na recuperação da informação (Lima; Fujita; Redigolo, 2021, p. 285).

É neste momento que a Arquivologia, a Biblioteconomia e a Museologia participam do processo, pois ao longo de sua existência, a FIGTF adquiriu e produziu muita informação relacionada à memória coletiva cultural gaúcha desde a sua fundação, mas por vezes não teve profissional apto e qualificado na tarefa de organizar e tratar estas informações.

Quando se fala em indexação, cada uma das instituições receptoras trata conforme as especificidades de sua área de atuação, embora a Biblioteconomia ainda hoje se sobressaia como a mais qualificada para a tarefa proposta pois considera o contexto como parte importante do processo. Lima; Fujita; Redigolo (2021) ressaltam a formação do indexador como elemento principal quando dizem que “o primeiro elemento é a formação profissional em Cursos de Graduação e de capacitação em serviço” (Lima; Fujita; Redigolo (2021, p. 295)).

A reflexão dos conceitos apresentada nesta seção estabelece as bases para refletir sobre o problema de pesquisa deste TCC. Na próxima seção é realizada a descrição da instituição e pinçada a sua trajetória histórica.

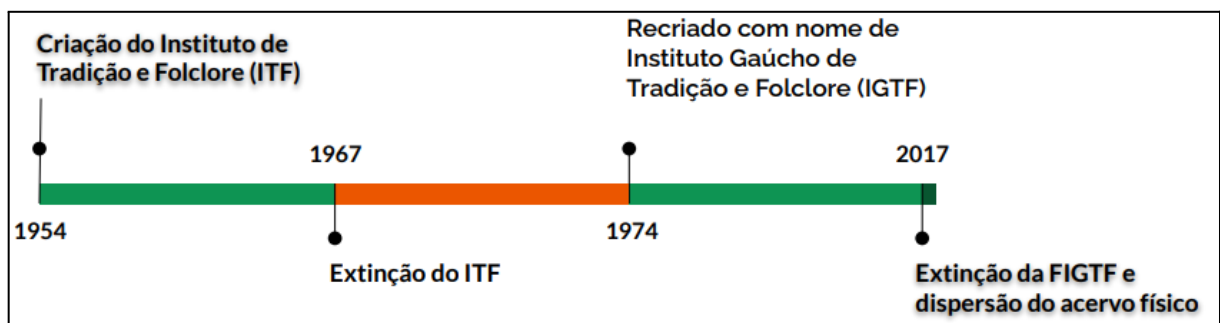
3 FUNDAÇÃO INSTITUTO GAÚCHO DE TRADIÇÃO E FOLCLORE (FIGTF)

A FIGTF surgiu a 1954, como Instituto de Tradição e Folclore (ITF), instituição vinculada ao governo do estado do RS:

[...] quando os interesses de intelectuais ligados à Comissão Estadual de Folclore – os chamados “folcloristas de polígrafo” – e de tradicionalistas ligados ao 35 – Centro de Tradições Gaúchas levaram à criação do Instituto de Tradição e Folclore (ITF). Vinculado à recém-criada Divisão de Cultura da Secretaria Estadual da Educação do Rio Grande do Sul (1954), o ITF foi concebido para promover investigações e difusão de conhecimento a respeito das tradições e do folclore sul-rio-grandense. (Rio Grande Do Sul, 2023).

Extinta em 1967 e recriado em 1974 oficialmente como Instituto Gaúcho de Tradição Folclore (IGTF) por por meio da Lei nº 6.736, de 19 de setembro de 1974 (Rio Grande do Sul, 1974), que mais tarde muda para Fundação Instituto Gaúcho de Tradição e Folclore (FIGTF), sendo extinta por meio da Lei nº 14.978, de 16 de janeiro de 2017 (Rio Grande do Sul, 2017). Neste período suas atividades variaram sempre em torno do mesmo fim: “coleta de artefatos e registros de manifestações relacionadas à cultura do Rio Grande do Sul e o apoio a eventos de cunho cultural e artístico no estado” (Rio Grande do Sul, 2022) como mostra o Gráfico 1.

Gráfico 1 - Linha do tempo da FIGTF.



Fonte: A autora.

Desde o seu início, a premissa básica deste instituto foi de promover investigações e difusão de conhecimento a respeito das tradições e do folclore do estado do RS. Este também produziu um vasto conjunto documental relacionado ao seu próprio funcionamento, enquanto fundação de direito público: ao longo de seus 56 anos de existência criou um acervo de aproximadamente 12.000 itens (doze mil), segundo Rio Grande do Sul (2022):

- a) **Bibliográfico:** 5.887 itens;
- b) **Eletrônico:** 133 itens;

- c) **Filmográfico:** 257 itens;
- d) **Iconográfico e Textual:** 42,55 metros lineares (não inclui massa documental da série “Presidência”);
- e) **Sonoro:** 5.307 itens;
- f) **Tridimensional:** 601 itens.

Este acervo constituiu-se de documentos relacionados ao funcionamento da instituição, documentos de pesquisa e de difusão da cultura sul-rio-grandense, documentos que reportam costumes, cantos, crenças, danças, expressões linguísticas, festas, indumentária, lendas, monografias produzidas pelo Curso de Especialização em Folclore da Faculdade de Música Palestrina (FAMUPA), LP e compactos, fitas K7, fitas VHS (Rio Grande Do Sul, 2023), e mantinha a Biblioteca e Hemeroteca Glaucus Saraiva:

A Biblioteca e Hemeroteca Glaucus Saraiva (BHGS) era o centro de documentação da extinta FIGTF. A BHGS reuniu, no decorrer da trajetória da instituição, documentos resultantes das atividades-fim da FIGTF, em especial, das pesquisas promovidas sobre as manifestações consideradas folclóricas e tradicionais na perspectiva da própria FIGTF.

Parte do acervo da FIGTF foi armazenado em pastas por assunto³ à medida em que ia sendo produzido, segundo MUSECOM (2023, p. 68):

Os dossiês compostos por documentos textuais e iconográficos, muitos deles com documentos constituídos a partir de clipagens, foram organizados por assunto na extinta FIGTF de acordo com a “Classificação Decimal para o Folclore”. Este sistema é um desdobramento do código 398 (Folclore) da Classificação Decimal Universal (CDU). A “Classificação Decimal para o Folclore” foi organizada por Edson Carneiro com a colaboração de Renato Almeida, conforme instrumento de busca localizado no acervo. O código foi utilizado como meio de indexação das pastas que contém as clipagens.

Toda essa produção não recebeu tratamento informacional adequado enquanto estava sob a responsabilidade da FIGTF, “trata-se, portanto, de um conjunto de volume significativo, que esteve fisicamente reunido entre 1974 e 2016 e que nunca sofreu intervenção arquivística” MUSECOM (2023, p. 21). Em outro trecho, descreve duas tentativas de aplicação de um sistema de catalogação em parte do acervo da FIGTF:

[...] a primeira, diz respeito ao sistema de catalogação produzido pelo próprio instituto e empregado em parte de seu acervo (a partir do desdobramento do termo “Folclore” do método de Classificação Decimal Universal - CDU); a

³ Termos usados: Agricultura, pecuária e pesca, Arquitetura (fornos de barro, casas e monumentos), Artesanato (tecelagem, artesanato indígena etc.), Brinquedos, Cavalhadas, Cidades, Culinária, Danças, Festas populares (ternos de reis, carnaval, festa junina, festa do divino espírito santo), Guasqueiros, História do Rio Grande do Sul, Imigração, Indumentária, Instrumentos musicais, Literatura, Música, Meios de transporte (carretas e carroças), Personalidades, Religiosidade, Rodeios, Trova e trovadores. (MUSECOM, 2023, p. 67)

segunda, refere-se a um conjunto de pastas dedicadas a reunir documentos “históricos” e “fundacionais” sobre o órgão (MUSECOM, 2023, p. 24).

Sendo a extinção da FIGTF consumada em 2017, seu acervo foi dividido e destinado a diferentes unidades ou instituições do governo do estado do RS para serem preservados e salvaguardados. Sobre a importância de salvaguarda destas coleções, MUSECOM (2023, p. 15) diz que:

O acervo da extinta FIGTF é um patrimônio documental do Rio Grande do Sul que, como conjunto de Fontes históricas, tem auxiliado pesquisadores em investigações que envolvem conceitos como cultura, folclore, nativismo, regionalismo e tradicionalismo, entre outros que são caros à identidade “gaúcha” ou “gauchesca”, como referida na documentação. Ademais, o seu conteúdo é fundamental para a compreensão da trajetória administrativa das políticas culturais do estado do Rio Grande do Sul.

A dispersão do acervo da extinta FIGTF é detalhada por MUSECOM (2023), o qual também aborda as questões arquivísticas inerentes ao processo, trazendo conceitos de Arquivologia, mas deixa claro a importância de outras áreas da Ciência da Informação analisarem, sob seus respectivos conceitos, os impactos gerados:

[...] a fim de proporcionar subsídios gerais para o entendimento do acervo em seu todo, adotamos o arranjo e a descrição arquivísticas (funções estritas da Arquivologia) como meio de alcançar os objetivos da proposta, mas compreendemos que é imprescindível que a documentação bibliográfica e museológica seja tratada também pelos vieses técnicos da Biblioteconomia (MUSECOM, 2023, p. 25).

Segundo o governo do estado do RS, esta dispersão ocorreu respeitando “as normas e as restrições técnicas da Secretaria da Cultura e das respectivas instituições responsáveis pelo conjunto documental” (Rio Grande do Sul, 2022). Já as respectivas coleções foram distribuídas conforme o suporte físico:

A opção pela divisão deu-se em função da tentativa de garantir as melhores condições possíveis de preservação e acesso ao acervo, o que levou os documentos a serem distribuídos por cinco instituições da Cultura:

- Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul
- Biblioteca Pública do Estado
- Discoteca Pública Natho Henn
- Museu Antropológico do Rio Grande do Sul
- Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa. (MUSECOM, 2023, p. 46).

No entanto, segundo Muller (2019) esta divisão do acervo não ocorreu como deveria, pois parte do acervo, como coleções audiovisuais VHS e super8 acabaram sendo destinadas ao MARGS, quando deveria ter ido para o MUSECOM, que possui tecnologia e pessoal preparado para a preservação.

Por tratar-se de instituição pública, a extinção da FIGTF exige uma série de procedimentos legais referentes à salvaguarda do seu acervo. Ainda que não sejam enfoque da pesquisa, parte da legislação que rege a questão do acesso à memória, enfatizando a importância da gestão e do tratamento da massa documental de determinada instituição pública podem ser conferidas a seguir:

a) Lei n. 8.159, de 8 de janeiro de 1991. Dispõe sobre a política nacional de arquivos públicos e privados e dá outras providências (Brasil, 1991);

b) Lei n. 12.527, de 18 de novembro de 2011. Regula o acesso a informações previsto na Constituição Federal de 1988 (inc. XXXIII, art. 5º, inciso II do § 3º, art. 37, art. 216 § 2º (Brasil, 2011);

c) Artigo 23 da Constituição Federal de 1988: É competência comum da União, dos Estados, do DF e dos Municípios: III – proteger os documentos, as obras e outros bens de valor histórico, artístico e cultural, os monumentos, as paisagens naturais notáveis e os sítios arqueológicos (Brasil, 1988, art. 23)

Entretanto, registros na mídia mostram que esta dispersão e realocação das coleções ocorreram de forma desorganizada, sem critérios técnicos, dando a entender que itens do acervo (incluindo originais do artista Edison Acri), tenham sido extraviados no processo, de acordo com relato de Claudio Knierim, ex-assessor técnico e ex-diretor do IGTF durante os governos Olívio Dutra, Germano Rigotto e Tarso Genro:

É urgente. Trabalho no Centro Administrativo do Estado e percebi que estão removendo o acervo da extinta Fundação IGTF sem o menor critério técnico, isto é, com acompanhamento de arquivistas e museólogos.

Encontrei originais em papel vegetal do grande artista Edison Acri, roteirista, cenógrafo, figurinista de inúmeros filmes brasileiros e gaúchos, como "Negrinho do Pastoreio", "Pára Pedro", "Não Aperta, Aparício" etc..., junto ao lixo. Parte da correspondência de 1976 com argentinos e uruguaios eu retirei da lata do lixo. É a nossa história que está se perdendo (Fonseca, 2017).

Conforme Muller (2019, grifo próprio), o fato supracitado causou surpresa à coordenadora da comissão que realizou a transferência do acervo da FIGTF:

[...] afirma que o processo foi concluído na quarta-feira passada. Segundo ela, os documentos foram encaminhados de acordo com sua natureza: livros e recortes de jornal foram para a Biblioteca Pública do Estado; registros fonográficos, para a Discoteca Pública Natho Henn; fotografias, para o Museu da Comunicação Hipólito José da Costa; e documentos diversos, para o Memorial do Rio Grande do Sul. **Denise [Gress]** acrescenta que a comissão é integrada por técnicos concursados qualificados para o trabalho e afirma que foi surpreendida pela possibilidade de extravio de documentos:

– Em verdade, não sei de onde surgiram essas três folhas, até porque terminamos o transporte do acervo na quarta-feira. Na sexta, já estávamos fazendo o transporte do mobiliário, e o acervo já estava em suas respectivas

instituições. Não tenho como precisar se foi um erro porque não sei de onde surgiu (Prikladnicki, 2017).

Para evitar perdas inerentes a este o processo de separação do acervo, em 2022, iniciou-se em cada instituição receptora, em parceria com o curso de Arquivologia da Universidade Federal de Santa Maria, estudo para a identificação destas coleções, e concluiu-se que a melhor forma de garantir a unidade do acervo FIGTF seria tratá-lo com técnicas arquivísticas utilizado “uma sistemática de arranjo arquivístico para o acervo” (MUSECOM, 2023, p. 25) que buscou respeitar a organicidade e o caráter multifacetado do acervo:

A Secretaria da Cultura, por meio das instituições que se tomaram responsáveis pelas coleções do acervo do IGTF, busca, atualmente, manter esse patrimônio a salvo. Contudo, este acervo, que é uma fonte singular da história das políticas da cultura no Rio Grande do Sul, passou a enfrentar um novo desafio para o atendimento de solicitações de pesquisa devido à realidade da dispersão. Afinal, as partes deste conjunto estão intrinsecamente relacionadas entre si e o sentido das informações registradas, muitas vezes, só pode ser compreendido a partir do restabelecimento dessas relações. Por exemplo: pastas de documentos textuais e iconográficos cujas partes estão na BPE, no MARS e na DPNH, embora tenham temáticas diferentes, são todas resultado de uma atividade-fim da extinta fundação – a pesquisa sobre manifestações folclóricas. O conteúdo desses documentos, portanto, precisa ser compreendido em conjunto com informações que estão em outros documentos, localizados em outras unidades da Cultura (MUSECOM, 2023, p. 20).

Este esforço de identificação gerou “uma estruturação lógica básica “[...] que buscou dar uma dimensão mais adequada do todo e das relações existentes entre os subconjuntos de documentos” (Museu, 2023, p. 26) que pode ser observada no site Acervos da Cultura e no organograma do ANEXO A, com a nomenclatura de subfunção FIGTF e séries Presidência, Direção Administrativa e Direção Técnica. Para esta monografia serão analisadas as coleções da série documental Direção Técnica, por ter relação com a atividade-fim da FIGTF.

A seção seguinte trata dos procedimentos e técnicas para a coleta dos dados em cada uma das instituições que receberam os itens do acervo da FIGTF.

4 FONTES E METODOLOGIA

A partir da identificação do processo da extinção da FIGTF e dispersão de seu acervo, buscou-se examinar, com pesquisa de natureza exploratória, como está sendo tratada hoje a informação contida nos itens das coleções, sob a ótica da Biblioteconomia, levando em consideração a importância deste para a memória social e identidade cultural do estado do RS.

Para atingir o objetivo proposto nesta monografia foi realizada pesquisa bibliográfica sobre dois assuntos relevantes para a investigação: memória e tratamento da informação, sendo utilizada abordagem qualitativa, sem preocupação com representatividade numérica, mas sim, em compreender e conceituar os termos, partindo do pressuposto de que a dispersão não favoreceu o acesso à informação, fato que espera-se confirmar através da análise dos resultados obtidos na coleta dos dados.

Este estudo qualitativo foi composto de análises documentais que permitiram obter informações singulares de cada elemento, coleção e local observado, pois se pretendeu-se ter maior familiaridade com o problema causado pela dispersão através de levantamento bibliográfico e coleta de dados.

A coleta destes dados foi realizada inicialmente com pesquisa bibliográfica e documental, em sites e trabalhos publicados sobre esta dispersão; após, foram realizadas visitas às instituições de destino da coleção onde ocorreram entrevistas (APÊNDICE B), semi-estruturadas com os servidores estaduais, os quais estão incumbidos da responsabilidade de gestão das respectivas coleções das entidades de salvaguarda; por fim, praticou-se a observação *in loco* nas instituições, a fim de identificar como cada uma se relaciona com a parte cedida do acervo da FGITF. Assim, o processo de amostragem não foi composto de maneira probabilística, pois o objetivo da amostra é de produzir informações ilustrativas do fenômeno investigado, sendo que o critério de seleção não é aleatório, sendo previamente definido (Gerhardt; Silveira, 2009). Esta ampla coleta de dados balizou a interpretação, apresentação e análise adequada.

Para a fundamentação teórica e metodológica da pesquisa, bem como embasamento para análise, usou-se de levantamento bibliográfico em bases de dados de documentos científicos na área de Biblioteconomia e Ciência da informação: Repositórios institucionais, Base de Dados em Ciência da Informação (BRAPCI),

Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e Sistema de Automação de Bibliotecas (SABi).

A recuperação de material científico relevante nessas bases de dados se deu através de busca pelas seguintes palavras-chave em qualquer parte do seu conteúdo: **Memória e Tratamento da Informação**, utilizando as palavras chave **memória, memória coletiva e tratamento da informação, indexação**. O recorte temporal da presente pesquisa se deu entre 2012 e 2023, este período se justifica por compreender a última década de trabalhos publicados a respeito destes assuntos, a exceção fica por conta de Halbwachs e Chauí, que produziram estudos anteriores sobre memória coletiva.

Com o intuito de recuperar e acessar informação inerente à **Fundação Instituto Gaúcho de Tradição e Folclore** ou **FIGTF**, também se utilizou o buscador Google, pois a ferramenta permite encontrar documentos que não são indexados nas bases acadêmicas. Como resultado, encontrou-se um repositório para acesso a acervos da Secretaria de Estado da Cultura do Rio Grande do Sul, denominada “Acervos da Cultura”:

A proposta dos Acervos da Cultura do RS na web é proporcionar acesso a informações contextualizadas, estruturadas e reutilizáveis sobre os acervos preservados por instituições da Secretaria de Estado da Cultura (Sedac) por meio de uma ferramenta de busca eficiente. Os Acervos da Cultura do RS têm o objetivo de integrar todas as instituições da Sedac. (Rio Grande do Sul, 2023)

A busca nesse repositório identificou que foi criada uma descrição preliminar arquivística, em fundo e subfundo, intitulada “Acervo arquivístico da extinta FIGTF: recomposição lógica e orgânica para qualificação do acesso” (ANEXO A), com a ferramenta Wayback Machine do Internet Archive⁴. Descrição esta, considerada por MUSECOM (2023, p. 16) como:

[...] categoria de subsídios para a qualificação do acesso [...]. Isso porque, de acordo com nossa compreensão, uma descrição arquivística plena só pode ser realizada após rigorosa intervenção no arquivo a ser descrito – o que não foi possível realizarmos no escopo deste projeto.

Além da pesquisa bibliográfica, a coleta de dados também ocorreu por meio de visita aos locais de salvaguarda (AHRS, BPE, DPNH, MUSECOM e MARS), observação das condições físicas e bibliográficas das coleções, como foram recebidas as partes do acervo, como estão catalogadas e indexadas, como estão

⁴ Wayback Machine é uma extensão para Chrome que exibe resultados de pesquisa com base no Internet Archive, um site no qual é possível pesquisar a URL de um site atual e conferir suas versões mais antigas. Disponível em <https://www.techtudo.com.br/tudo-sobre/wayback-machine/>

organizadas na coleção e realização de entrevistas gravadas nas instituições (APÊNDICES C, D, E, F, G, H e I). Estas entrevistas foram feitas com autorização escrita dos responsáveis garantindo o sigilo de dados pessoais, para identificar as falas foi utilizado o nome da instituição no lugar do nome do funcionário, pois este está representando a instituição e interessa saber qual a resposta institucional às questões. Os dados qualitativos foram adquiridos no local de salvaguarda das coleções, com a observação da realidade das instituições visitadas, a partir da análise do e-book sobre a FIGTF e em site oficial do governo do estado do Rio Grande do Sul. Mas, como a observação não abrange a totalidade de informações necessárias para contemplar este estudo, a entrevista vem para complementar as lacunas:

Somente por meio da verbalização desse processo de reflexão é que o pesquisador pode ter acesso à perspectiva dos próprios participantes. Nessas condições, é necessário um instrumento que possibilite a externalização desse processo, como é o caso de questionários (Leitão, 2021, p.5).

Por tratarem-se de instituições vinculadas ao governo do estado do RS, o contato com as instituições para as entrevistas iniciou com comunicação formal, por e-mail, com a Secretaria de Estado da Cultura (SEDAC), no qual foi informado o conteúdo da pesquisa e solicitado autorização para entrevistar os responsáveis pelo acervo em cada uma das instituições. A SEDAC encarregou-se de encaminhar a solicitação aos responsáveis; as visitas e entrevistas ocorreram à medida que foram autorizadas e agendadas.

Elaborado o questionário base (APÊNDICE B), foram coletadas informações sobre os procedimentos de entrevista e concluiu-se que a mais adequada para atingir o propósito é a entrevista semiestruturada devido a suas características: pode possuir um roteiro, mas é flexível e permite comparação; pode ser presencial ou à distância, pode ser síncrona ou interativa (Leitão, 2021). A entrevista oral deve conter, conforme Freitas (2006), um roteiro de forma que o entrevistador saiba como conduzir a entrevista. O roteiro utilizado se encontra no APÊNDICE B, este foi utilizado de modo flexível, pois muitas questões surgiram no transcorrer da entrevista. Essa flexibilidade é importante, considerando que uma entrevista é uma troca de experiência entre duas pessoas.

Por questões legais, estas entrevistas foram feitas mediante autorização escrita dos entrevistados, conforme preconiza a legislação a respeito e a “Carta de Cessão de Direitos Sobre Depoimento Oral” (APÊNDICE A) foi disponibilizada pelo Repositório de Entrevistas de História Oral da UFRGS (REPHO) que garante

“cuidados com a preservação do anonimato e da livre-participação, o que envolve explicações detalhadas sobre os objetivos e etapas da pesquisa antes da realização da entrevista” (Leitão, 2021, p. 14).

Salienta-se aqui que a entrevista não constitui a única Fonte de dados para esta pesquisa, pois “A História Oral (HO) híbrida pressupõe o contraponto entre um depoimento e outras Fontes, inclusive com outras formas de registro, confirmando ou não o que diz cada um dos depoimentos” (Almeida, 2012, p. 8). Uma dessas fontes da HO é a participação do pesquisador:

Como elemento externo ao objeto pesquisado, o pesquisador pode ter sua história pessoal vinculada à natureza dos espaços por onde circula, podendo interferir em discursos alheios, mas seu olhar de estudioso, a partir de objetivos especificamente definidos, estabelece a distinção entre o que integrará ou não seus resultados de pesquisa (Almeida, 2012, p. 8)

O registro de informações informais, não gravadas, observações do pesquisador e suas respectivas reflexões foi feito em Diário de Campo, que Gerhardt; Silveira (2009) definem como “um instrumento muito complexo, que permite o registro das informações, observações e reflexões surgidas no decorrer da investigação ou no momento observado” (Gerhardt; Silveira, 2009, p. 76).

O diário de campo se mostrou ferramenta importante neste trabalho pois possibilitou coletar informações importantes que não ficaram registradas nas entrevistas:

As Fontes analisadas são depoimentos colhidos de narradores diferentes em situações distintas: individual e coletivamente, intencionalmente ou não, incluindo compromisso com doação ou não, o que caracteriza a formalidade ou não do depoimento. Este pode ser cedido voluntariamente ou capturado pelo historiador numa situação casual e inserido como produto de pesquisa que fortalece sua argumentação (Almeida, 2012, p. 8)

A medida que as instituições foram retornando a solicitação de entrevista, foram feitas as respectivas visitas conforme descrito a seguir com dados deste diário de campo.

4.1 DISCOTECA PÚBLICA NATHO HENN (DPNH)

Localizada na Casa de Cultura Mário Quintana, em Porto Alegre, a DPNH foi a primeira instituição a dar retorno positivo e agendar entrevista. Seu acervo é de “aproximadamente, 31.549 discos LP’s, 10.016 discos compactos, 10.041 CD’s, 3.342 livros técnicos especializados da área de Música e afins e 17.168 partituras musicais” (Rio Grande do Sul, 2023).

Sendo o local designado para o depósito da coleção sonora da FIGTF, recebeu a coleção discográfica do Museu do Som Regional Edson Otto, criado pela FIGTF, e as partituras da Faculdade Palestrina, entretanto, existem controvérsias quanto a quantidade de itens pois no site oficial do estado Acervos da Cultura conta que a coleção destinada a DPNH era “[...]composto de aproximadamente 12.891 itens, que foi recebido em doação após a extinção desta instituição” (Rio Grande do Sul, 2023); já Lampert (2021) informa “cerca de 14.220 itens, entre LP’s (11.490), fitas K7 (630), e CD’s (2.100) de música nativista e gaudéria”.

Nesta instituição a coleta de dados iniciou pela entrevista ocorrida em 3 de abril de 2024, com o responsável (APÊNDICE C) que descreveu como teve o primeiro contato com o acervo da FIGTF, o estado físico dos itens e mostrou na tela do seu computador que a catalogação dos itens está ocorrendo no sistema ABCD (Automação de Bibliotecas e Centros de Documentação) com quatro informações básicas: título, autor, ano, produtora (Figura 1).

Figura 1 - Itens registrados no sistema ABCD pela Biblioteca Natho Henn.

A imagem mostra a interface de um sistema de catalogação. No topo, há uma barra de busca com o texto "Sua pesquisa IGTF" e um ícone de lupa, além do link "Refinar a pesquisa". Abaixo, um banner indica "Total de referências recuperadas: 197". O conteúdo principal é dividido em seções: "Acervo" com o subtítulo "Mostrando do 1 até 25 de 197 registros", um ícone de localização e o texto "ACERVO - MULTIMIDIA", um ícone de impressora, e campos de filtro para "Tipo de mídia" (DV), "Compositor" (Bombachudos, Os), "Título" (De Volta á Querência) e "Data de gravação" (1979). No rodapé da seção, há um link "Exemplares".

Fonte: Rio Grande do Sul (2022).

Na entrevista foi observado que o processo de catalogação do item no site da DPNH está no início, pois apenas 197 itens estão catalogados (0,015% da coleção) e disponíveis para a pesquisa online. A DPNH tem em planilha física relação de itens subdivididos em: coleção dos festivais, músicos e intérpretes solo, duplas, trios, grupos e conjuntos, seleções musicais, bandinhas alemãs, etno-música italiana-açoriana-espanhola. Esta planilha descreve: tipo de mídia, ano, nome do disco

e/ou autor, gravadora e número de série e esta mesma planilha está disponível no e-book da FIGTF já mencionado. As monografias sobre folclore produzidas na Faculdade de Música Palestrina de Porto Alegre (FAMUPA) estão em armário fechado e até o momento da visita não tinham sido analisadas pela DPNH.

Foi permitido acesso a coleção física dos LP 's da FIGTF, que estão dispostos em ordem alfabética primária (apenas a primeira letra) de título, na posição vertical, lado a lado, em estantes de metal sinalizadas com a sigla “FIGTF”. Os itens observados estão em bom estado de conservação e protegidos por plástico transparente.

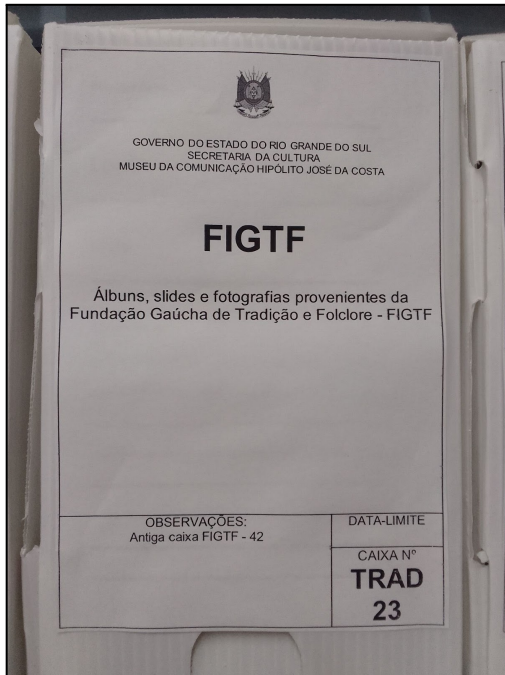
4.2 MUSEU DE COMUNICAÇÃO SOCIAL HIPÓLITO JOSÉ DA COSTA (MUSECOM)

Localizado na rua dos Andradas, 959 - Centro Histórico, Porto Alegre - RS, o MUSECOM foi instituição que recebeu a parte iconográfica da coleção da FIGTF, e também “listas parciais do conteúdo de documentos iconográficos e fichas catalográficas em papel produzidas pela extinta FIGTF” (MUSECOM, 2023, p. 69).

A partir da entrevista (APÊNDICE D) feita em 15 de abril de 2024, iniciada na coleção sob a orientação da responsável técnica que também participou do processo de separação e distribuição dos itens ainda no prédio da FIGTF, observou-se que os itens estão em sala climatizada, organizados em caixas de polionda identificadas com a sigla FIGTF, conforme Figura 2, em duas estantes de metal e locados logo após a coleção “Palácio Piratini”. O estado de preservação dos itens foi descrito pelo responsável como adequado para manter a integridade física da coleção.

As caixas com fotos e negativos estão identificadas com a sigla “FIGTF” e logo abaixo com a descrição genérica do conteúdo, o conteúdo não foi tratado individualmente - item a item-. O conteúdo foi apenas transferido de caixas antigas que estavam em péssimas condições para caixas novas. Este reacondicionamento em caixas novas gerou uma nova sequência de numeração das caixas, ou seja, a caixa que na FIGTF era identificada pelo número 42, no MUSECOM passou a ser identificada pelo número 23, como mostra a Figura 2. Esta alteração ocorreu devido a otimização do espaço físico disponível na sala.

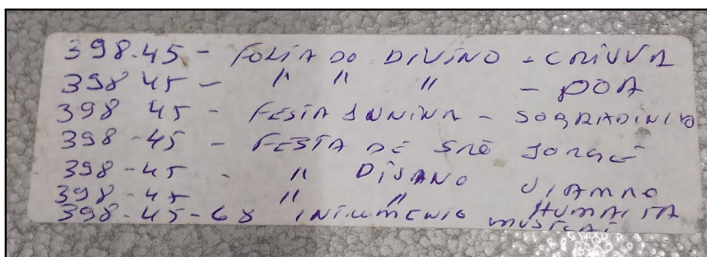
Figura 2 - Descrição de uma caixa da coleção fotográfica do MUSECOM.



Fonte: coleção do MUSECOM.

Os diapositivos da FIGTF chegaram ao MUSECOM já em caixas metálicas próprias para o formato deste material. E neste caso foi mantido, até o momento, a organização de origem (criada na FIGTF). Este material não passou por intervenção do MUSECOM até o término deste trabalho, permanecendo com a catalogação original (Figura 3).

Figura 3 - Sistema de catalogação dos diapositivos criado pela FIGTF.




Fonte: Coleção do MUSECOM.

Após visita a coleção, ocorreu a entrevista com o analista em assuntos culturais (APÊNDICE E) que participou da pesquisa e redação do e-book sobre a FIGTF (Rio Grande do Sul, 2022). O mesmo descreveu a catalogação dos itens e as dificuldades encontradas em identificar as partes do todo, o que fica demonstrado na Figura 4, onde é descrita a imagem mas não é possível identificar o contexto (evento) de

geração da mesma. O MUSECOM usa a base de dados Tainacan⁵ e faz sua catalogação conforme a Resolução Normativa nº 2 de 2014 (Brasil, 2014).

Figura 4 - Pesquisa por “FIGTF” no site da MUSECOM.

Metadados descritivos (INBCM/ibram)

<p>Miniatura</p>  <p>Compartilhar</p> <p>f t e</p> <p>Número de registro</p> <p>MCOM 51-I</p> <p>Denominação</p> <p>Fotografia em diapositivo de 35mm</p>	<p>Título</p> <p>Balaio</p> <p>Autor</p> <p>Instituto Gaúcho de Tradição e Folclore - IGTF</p> <p>Classificação</p> <p>6 Objeto de atividades artísticas > 6.2 Objetos Associados à Fotografia > Fotografia > Diapositivo Acervos MuseCom > Fotografia</p> <p>Resumo descritivo</p> <p>Fotografia em ambiente aberto com enquadramento no sentido horizontal. Na imagem, há quatro pares de dançarinos em coreografia evidenciada pelo movimento dos vestidos das mulheres e pelo sapateado dos homens. A apresentação ocorre no meio de uma avenida, em cenário urbano.</p> <p>O termo "balaio" está escrito na moldura do diapositivo, informando que se trata de fotografia de apresentação da chamada dança do balaio.</p>	<p>Dimensões</p> <p>2,3 x 3,4 cm (altura x largura)</p> <p>Material/técnica</p> <p>Diapositivo Policromático</p> <p>Local de produção</p> <p>[sem informação]</p> <p>Data de produção</p> <p>[século XX]</p> <p>Condições de reprodução</p> <p>Acervo protegido pela Lei 9.610/98. Proibida a reprodução para fins comerciais sem a autorização dos detentores legais do direito. Obrigatória a citação da referência para fins acadêmicos e expositivos.</p> <p>Mídias relacionadas</p> <p>[sem informação]</p>
--	--	--

Fonte: FIGTF (2024b).

De acordo com Rio Grande do Sul (2022), o Musecom recebeu os seguintes itens da extinta FIGTF:

Documentos iconográficos e textuais: os iconográficos são compostos por negativos e diapositivos fotográficos, além de fotografias reveladas. Esses documentos estão predominantemente no Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa (MUSECOM), que recebeu também instrumentos de busca (fichas catalográficas) destes registros fotográficos produzidos pela extinta Fundação. Este conjunto específico de iconografia foi designado como coleção de "Tradição e Folclore" no MuseCom. [...] Ademais, há também um conjunto de cerca de 80 fotografias ampliadas e emolduradas quantificadas como tridimensionais nesta descrição. Estes 80 itens estão no MuseCom, instituição responsável pela maior parte dos documentos iconográficos da extinta FIGTF.

4.3 BIBLIOTECA PÚBLICA DO ESTADO (BPE)

A terceira instituição visitada, a BPE, também situa-se no Centro Histórico de Porto Alegre. A ela, coube a::

[...]guarda acervo bibliográfico do IGTF, com 3.562 livros de tradição, folclore, nativismo, literatura gaúcha, e história do Rio Grande do Sul, além de um acervo de recortes, que estão em 222 pastas, sobre estes mesmos assuntos, e mais literatura oral, regionalismo, festas populares, alimentação típica gaúcha, e mais uma série de temas ligados à cultura do Estado. (Lampert, 2021)

⁵ Um software livre, flexível e potente para criação de repositórios de acervos digitais em WordPress. Fonte: <https://tainacan.org/>

Para a BPE foram encaminhados aproximadamente 3.500 itens⁶ bibliográficos, entre livros, revistas e folders; além de “222 pastas, sobre estes mesmos assuntos, e mais literatura oral, regionalismo, festas populares, alimentação típica gaúcha, e mais uma série de temas ligados à cultura do Estado” (Lampert, 2021). Estes itens estão catalogados e distribuídos na BPE, alguns já inseridos no sistema de pesquisa Pergamum, outros aguardando tratamento.

Esta visita foi dividida em 2 partes no dia 5 de abril de 2024, a primeira parte foi no setor Rio Grande do Sul. Este “acervo contempla assuntos relacionados aos municípios, como as imigrações, o folclore e as biografias dos vultos que fizeram nossa História, que delinearão a Cultura e projetaram-se nas Artes” (RIO GRANDE DO SUL, 2023).

A responsável pelo setor na entrevista (APÊNDICE F) apresenta a coleção da FIGTF mas informa que não esteve presente no momento da chegada desta coleção na BPE. Em estantes de metal, no mezanino do setor estão pastas com clipagem⁷, algumas que foram manuseadas e classificadas e a grande maioria que ainda não foi tratada pela BPE. Uma parte foi planilhada por estagiário (3 ou 4 pastas), como tarefa de estágio obrigatório, e acondicionada em caixa de polionda identificada com a sigla FIGTF. O restante da coleção deste setor ainda não foi tratada. Este setor também está com os livros que eram da FIGTF, que estão catalogados e disponíveis para consulta, distribuídos na BPE e identificados com nota local no sistema ABCD, sem indicação de coleção FIGTF na lombada.

⁶ A lista completa pode ser acessada em: BIBLIOTECA PÚBLICA DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL. Livros **Fundação Instituto Gaúcho Tradição e Folclore**. Porto Alegre, Secretaria de Cultura (RS), [2024]. Disponível em: https://acervos.cultura.rs.gov.br/downloads/BR_RSSEDAC_FIGTF_03.1_DC01.pdf. Acesso em: 31 jul. 2024.

⁷ Clipagem ou Clipping é o acompanhamento frequente dos conteúdos, de origem jornalística, em plataformas digitais, ou não, sobre determinada marca. Fonte: UNIVERSO DE NEGÓCIOS. **Você sabe o que é clipagem?** Veja dicas importantes sobre esse processo, 15 jul. 2021. Disponível em: <https://universodenegocios.com.br/voce-sabe-o-que-e-clipagem-veja-dicas-importantes-sobre-esse-processo/>. Acesso em: 31 jul. 2024.

Figura 5 - Busca por “FIGTF” no portal da BPE.



Chamada	RS 391(816.5) Z38g 1990
MFN	24321
Autor principal	Zattera, Vera Stedile, 1945-
Título	Gaúchos: trajes típicos
Imprenta	Caxias do Sul, RS : VSZ, 1990
Descrição física	1 pasta, [6] f. de estampas : principalmente il. ; 57 cm
Nota de Bibliografia	Inclui bibliografia
Nota de Idioma	Texto em português, espanhol e inglês
Nota local	Exemplar do Setor do Rio Grande do Sul fez parte da Biblioteca da FIGTF
Assuntos	Vestuário: Rio Grande do Sul Folclore : Tradição: Rio Grande do Sul Folclore : Usos e costumes: Rio Grande do Sul Tradicionalismo: Rio Grande do Sul Cultura: Rio Grande do Sul

Fonte: FIGTF (2024).

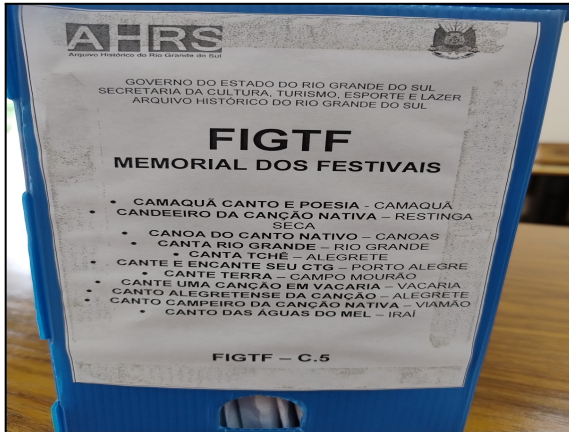
Na sequência, visitou-se o processamento técnico da BPE, onde a bibliotecária responsável concedeu uma entrevista de pesquisa em dd do mm de aaa (APÊNDICE G). Ela relatou como recebeu os livros da FIGTF, mostrou onde estão agora os itens que ainda não foram tratados e também descreveu os processos para a seleção e tratamento dos livros que ocupam duas fileiras de estantes e caixas de papelão acondicionadas no chão do processamento técnico.

4.4 ARQUIVO HISTÓRICO DO RIO GRANDE DO SUL (AHRs)

O AHRs é a instituição responsável pela salvaguarda da documentação histórica de origem pública (especialmente do Poder Executivo) e também privada. Localizada no Centro Histórico de Porto Alegre, a instituição recebeu os documentos da FGITF denominados como coleção Memorial dos festivais.

Antes da efetivação da visita foi solicitado pela instituição detalhes sobre o objetivo da visita e entrevista. Foi enviado por mensagem eletrônica os dados da pesquisa e as perguntas relacionadas à entrevista para aprovação e marcação da data. Após autorizada, a visita foi realizada ao AHRs em 26 de abril. A responsável pela coleção estava aguardando na sala com duas caixas de plástico polidonda, identificadas com a sigla FIGTF, como pode ser conferida na Figura 6.

Figura 6 - Caixa com identificação da AHRS e FIGTF.



Fonte: Coleção FIGTF do AHRS.

No interior das caixas constam envelopes identificados com o nome do festival e contém recortes de jornal, folders e documentos dos eventos (Figura 7). Não há nenhuma informação do conteúdo destes envelopes que estão dentro das caixas registrado.

Figura 7 - Documento da caixa FIGTF - c.5.



Fonte: Coleção da FIGTF do AHRS.

Foi apresentado além das duas caixas, um catálogo impresso de nome *Dossiê de edições dos festivais*: uma tabela com nome do festival, localidade, edição (data), caixa e observações (Figura 8).

Figura 8 - Dossiê de edições dos festivais.

Nome do Festival	Localidade	Edição (ano)	Caixa	Observações
Acampamento da Arte Gaúcha	Tapes	2ª (1988)	FIGTF - A.2	Não constam 1ª, 10ª e 15ª edições
		3ª (1994)		
		4ª (1995)		
		5ª (1996)		
		6ª (1997)		
		7ª (2002)		
		8ª (2004)		
		11ª (2006)		
		12ª (2007)		
		13ª (2008)		
		14ª (2009)		
		16ª (2011)		
Acampamento da Canção Nativa - Acampamentinho e Bivaque da Poesia Gaúcha (1ª, 2ª, 3ª, 4ª, 10ª, 14ª)	Campo Bom	1ª (1984)	FIGTF - A.1	
		2ª (1985)		
		3ª (1986)		
		4ª (1987)		
		5ª (1988)		
		6ª (1989)		
Acampamento da Canção Nativa - Acampamentinho e Bivaque da Poesia Gaúcha (1ª, 2ª, 3ª, 4ª, 10ª, 14ª)	Campo Bom	7ª (1990)	FIGTF - A.1	
		8ª (1991)		
		9ª (1992)		
		10ª (2011)		
		11ª (2012)		
		12ª (2013)		
		13ª (2014)		
		14ª (2015)		
		15ª (2016)		

Fonte: Coleção da FIGTF do AHRs.

Não foi permitido acessar o restante da coleção da FIGTF, por este motivo não há dados sobre o tamanho da coleção e sobre o estado de conservação do mesmo. Não foi permitido gravar vídeo ou áudio das informações fornecidas no momento da visita. Também não são disponibilizados documentos online ou digitalizados. O pesquisador deve utilizar o catálogo físico fornecido e verificar nas caixas. Foi autorizado tirar fotos das duas caixas disponíveis e de alguns de seus documentos, sem constar nomes, e as respectivas respostas da pesquisa foram encaminhadas posteriormente por mensagem eletrônica (APÊNDICE I).

4.5 MUSEU ANTROPOLÓGICO DO RIO GRANDE DO SUL (MARS)

O MARS também está localizado no Centro Histórico de Porto Alegre e, para esta instituição, foram direcionadas monografias sobre folclore produzidas na Faculdade de Música Palestrina de Porto Alegre (FAMUPA), DVDs, obras musicais comerciais predominantemente, fitas video-magnéticas em formato VHS, fitas magnéticas (cassete e de rolo) e a coleção museológica da FIGTF que estão na reserva técnica (MUSECOM, 2023).

No dia marcado para a visita, 19 de abril, fui recebida por dois funcionários, um que assumiu a gestão dos acervos do MARS dias antes da entrevista e outro que foi

Os objetos tridimensionais como botas e roupas estão nas prateleiras protegidos por TNT branco, alguns têm identificação na prateleira, outros apenas nas peças (Figura 11).

Figura 11 - Identificação de objeto tridimensional na prateleira.



Fonte: Coleção da FIGTF do MARS.

A grande maioria dos objetos tridimensionais está com a identificação original da FIGTF, como mostra a Figura 12.

Figura 12 - Objeto tridimensional (bola de ferro) catalogado pela FIGTF.



Fonte: Coleção da FIGTF do MARS.

Outros objetos tridimensionais não tem qualquer identificação (Figura 13). O responsável pelo setor não sabe informar se todos os objetos da coleção da FIGTF estão catalogados na planilha oferecida pelo funcionário que saiu, pois ainda não teve tempo de se informar sobre esta coleção.

Figura 13 - Objeto da coleção da FIGTF sem identificação no MARS.



Fonte: Coleção da FIGTF do MARS.

Existem também muitas fitas VHS e fitas cassete armazenadas em arquivo de aço, mas a informação é que não se sabe o estado de conservação das mesmas. Algumas estão sem descrição do conteúdo. O MARS não dispõe no momento de equipamentos para reproduzir ou avaliar tais objetos.

5 ANÁLISE DOS DADOS COLETADOS

Feitas as entrevistas e as visitas às coleções, foi realizada a análise da observação nas instituições, as anotações no diário de campo e o que foi respondido no questionário pelos responsáveis das instituições, considerando os aspectos mencionados nos questionários, ou seja: se o responsável pela instituição que recebeu a coleção tinha conhecimento da mesma, quais os impactos iniciais enfrentados no ato da aquisição/recebimento da coleção destinada a esta Instituição, como está sendo feito o tratamento da coleção hoje e se foi considerada a organização anterior, quais as medidas tomadas para permitir o acesso da sociedade ao mesmo e qual a importância do acervo do FIGTF para a memória do RS.

5.1 CONHECIMENTO PRÉVIO DA FIGTF

A primeira questão discutida nesta monografia aborda a questão do conhecimento prévio sobre a FIGTF, pois todas as instituições receptoras fazem parte da mesma secretaria na hierarquia do governo do Estado, sendo todas subordinadas à Secretaria da Cultura do RS.

Contudo, segundo as sete entrevistas realizadas nas cinco instituições visitadas, quatro entrevistados não conheciam a FIGTF; destes, dois são recentes na Secretaria da Cultura, o que justifica a falta de conhecimento sobre a FIGTF. Esta informação é relevante para a questão da indexação pois o fato de não terem conhecimento prévio sobre a instituição a qual devem catalogar e indexar a coleção faz com que a tarefa demande maior esforço por parte do profissional responsável pelo tratamento em cada instituição e por consequência maior risco de erro:

Destaca-se a necessidade de o indexador possuir conhecimento prévio sobre o assunto a ser indexado, levando em consideração os aspectos linguísticos, lógicos e cognitivos que são exigidos nas estratégias de leitura para a compreensão e interpretação do conteúdo do documento (Lima; Fujita; Redigolo, 2021, p. 286).

Entendendo que a “representação dos conceitos dos documentos estão ligados ao discurso e às atividades em um contexto, e o indexador precisa ter uma compreensão desse discurso e desses processos” (Lima; Fujita; Redigolo, 2021, p. 285), conclui-se que ter o conhecimento prévio do contexto ao qual o objeto a ser catalogado está inserido, contribui para o sucesso da recuperação da informação.

5.2 IMPACTOS ENFRENTADOS NO ATO DA AQUISIÇÃO/RECEBIMENTO DA COLEÇÃO

As cinco instituições que receberam as coleções da extinta FIGTF sofreram impactos relevantes na chegada dos itens das coleções, as entrevistas salientam três pontos importantes: falta de espaço físico, falta de funcionários, organização precária dos itens, conservação inadequada e perda de itens ou de contexto.

Sobre os impactos mencionados anteriormente, vale apresentar relato do historiador e diretor do Instituto Brasileiro de Museus:

Qualquer acervo que passar por uma divisão perde um pouco do valor, uma vez que, a partir daí, a coleção fica espalhada”, observa o **historiador Joel Santana da Gama**. “Desmembrar um acervo é ruim, pois, além de se dividir em pedaços uma narrativa (antes contada pelo conjunto documental), se acaba empurrando um fardo para outras instituições, que já estão sobrecarregadas com um volume imenso de arquivos, e que seguem trabalhando com o mesmo número de funcionários e sem aumento de recursos (Lampert, 2021, grifo nosso).

Nesta mesma reportagem, Lampert (2021) descreveu com detalhes como foi a chegada da coleção na DPNH:

Cida conta que precisou desocupar uma das salas na CCMQ – que tinha direito por ser também diretora do Instituto Estadual de Música – para poder comportar o material levantado pelos tradicionalistas. “Fiquei com a sala da Discoteca e cedi a outra para o acervo do IGTF, que está no quarto andar.” Antes de levar o arquivo para o espaço, ela e mais seis pessoas trataram de limpar o material. “Os discos estavam com mofo, foi feito todo um restauro deste acervo, dentro das técnicas possíveis (Lampert, 2021)

Esta declaração de 2021 é divergente da coletada na entrevista da DPNH para este trabalho (APÊNDICE C):

Então, inicialmente, a gente viu que ele é um material que estava em excelente estado, né? Todos os discos estão acondicionados em plásticos adequados [...] esse acervo aqui de discos e ele já veio mais ou menos organizado, né? Dentro dos armários de aço em ordem alfabética.

Esta divergência evidencia que a distância entre o fato e o registro pode alterar a percepção do acontecido que pode distorcer o tratamento da informação.

5.3 TRATAMENTO DA COLEÇÃO

A primeira observação a ser considerada no tratamento da informação pelas instituições de salvaguarda do acervo da extinta FIGTF é o fato de serem espaços de cultura e preservação distintos (arquivo, biblioteca e museu), sendo todos “categorizados como instituições de memória e tenham como principais objetivos o

aprimoramento cultural, a aquisição de conhecimento, a educação não formal e a pesquisa” (Almeida, 2016, p. 169) e por consequência possuem métodos próprios de tratamento da informação, mas estando o acervo da extinta FIGTF nestes locais, é necessário que cada um faça o tratamento da informação de suas respectivas coleções recebidas da FIGTF, relacionando com a instituição de origem, garantindo assim a unicidade do acervo e seu contexto de geração, como Ketelaar (2021, p. 174) sugere:

O processo de arranjo arquivístico deve, na medida do possível, respeitar a ordem original e o contexto em que os documentos foram criados e utilizados para o seu propósito principal. O mesmo se aplica à descrição, ou seja: criar uma representação de um documento.

Muitos dos itens foram catalogados e organizados na origem, tal organização da informação foi mantida por quatro das cinco instituições receptoras. A exceção foi identificada na BPE para os livros que foram distribuídos nas diversas áreas da BPE, respeitando a organização interna da biblioteca.

Cada uma das instituições possui normas específicas de organização e indexação, mas todas têm em comum a responsabilidade de atender as necessidades informacionais dos usuários e manter a integridade orgânica do acervo, como esclarece MUSECOM (2023, p. 86):

Um subfundo disperso, como o da extinta FIGTF, exigirá sempre uma constante preocupação no que diz respeito à manutenção de sua integridade orgânica, ou seja, sobre os laços informacionais que dão sentido à documentação.

Nas visitas foi constatado que as coleções estão localizadas hoje no mesmo espaço físico dentro de cada instituição, garantido a preservação da integridade dos itens da respectiva coleção, apenas o AHRS não permitiu acesso à coleção, não sendo possível averiguar seu estado atual nem sua integridade.

Nas entrevistas as instituições evidenciam a preocupação de identificar os itens da coleção como sendo parte do acervo da FIGTF, usando a sigla “IGTF” ou “FIGTF” nas caixas e pastas, mas não há consenso quanto a um único termo para as coleções da FIGTF. Esta identificação física já estava presente desde a atuação da FIGTF na maioria dos itens e pastas, alguns foram realocados visando melhoria na preservação física ou para otimizar a busca e recuperação dos mesmos.

Quanto a o tratamento da informação as entrevistas mostraram que duas instituições não possuem nenhum tipo de tratamento virtual para as informações da coleção, destas, o AHRS - responsável pela coleção “Memória dos Festivais”,

apresentou um catálogo impresso organizado por nome do festival e o MARS informou que tem catálogo da coleção mas não pode permitir acesso aos mesmo pois não sabe onde estão. Ocorre que está registrado no e-book sobre a FIGTF que “a relação de monografias advindas da FAMUPA, localizadas no MARS, pode ser encontrada em livro específico do acervo que contempla autoria e título dos trabalhos, além de código específico de indexação” (MUSECOM, 2023, p. 69). Conta no mesmo e-book que “listagem produzida pela extinta FIGTF e livro de registro de objetos museais, enviado para o MARS” (MUSECOM, 2023, p. 69). Em Rio Grande do Sul (2022) pode-se consultar a lista com os seguintes itens que foram direcionados a esta instituição:

Documentos bibliográficos: compõem a subsérie BHGS as monografias sobre folclore produzidas na Faculdade de Música Palestrina de Porto Alegre (FAMUPA) e a coleção de livros do IGTF.

Documentos sonoros: compreendem fitas magnéticas (cassete e de rolo), trasladadas ao MARS.

Documentos eletrônicos: basicamente DVDs, obras musicais comerciais predominantemente.

Documentos tridimensionais: coleção museológica da FIGTF que está sob responsabilidade do MARS. Esta é a maior parte do acervo tridimensional. De acordo com levantamento da FIGTF em 2017, era composto por: peças em madeira (40); metais (30); cerâmicas (04); cuias e porongos (10); boleadeiras/couros (07); cinturões e adereços de uso militar (réplicas - 14); quepes militares (réplicas - 12); arreios, estribos, esporas (10); chapéus e cartolas (réplicas - 11); perucas (03); botas masculinas (04); pontas de lanças (réplicas - 08); peças militares em couro branco - réplicas de boldriês e porta-espadas (10); louça branca (04); artesanias em guampas (04); armaria - réplicas usadas em sets de filmagem (04); troféus (51); indumentária masculina (90); indumentária feminina (56); Casacas e calças miitares - réplicas (24); têxteis (90); têxteis sem numeração de tombo (35) (Rio Grande do Sul, 2023, grifo nosso).

Esta divergência de informações é um fato importante a ser considerado, uma vez que a instituição não ter o domínio completo da coleção sob sua responsabilidade impacta em possíveis perdas no seu tratamento.

Em conversa informal não gravada, foi oferecido, além da entrevista com o responsável atual (APÊNDICE H) e visita a coleção, dados coletados pelo gestor anterior referentes a coleção (ANEXO B), mas no envio deste arquivo fica evidenciado a dificuldade em localizar todos os dados referentes aos itens recebidos da FIGTF:

Boa tarde, Sandra, esperamos que estejas bem! Estamos encaminhando a única listagem que foi encontrada até o momento, que diz respeito ao conteúdo das pastas A-Z. Pedimos desculpas pela demora, as coisas estão bem movimentadas e o acesso ao prédio, e ao acervo, ficou comprometido por um bom tempo. Caso alguma outra listagem seja encontrada, encaminharemos (Mars, 2024a).

Hoje o MARS não tem nenhum tipo de tratamento da informação sendo feito na coleção “FIGTF”, o que dificultaria qualquer busca (APÊNDICE H):

[...] não tem numeração na estante nem na prateleira. [...] A gente não saberia nem onde procurar. Imagino que ele (responsável anterior) não tenha feito. A esse ponto, tá? Vou ter que ver, mas não dá para ver que não tem numeração nas prateleiras, né? E como as pastas não estão numeradas, tu não consegue chegar nelas por uma tabela.

As instituições BPE, o MUSECOM e DPNH utilizam o sistema ABCD para catalogação e acesso virtual dos itens e as três instituições identificaram as coleções com a sigla “FIGTF”. No momento nenhuma destas instituições está tratando as coleções devido a outras demandas, o MUSECOM recebeu recentemente uma bibliotecária que irá auxiliar na catalogação e indexação das obras do museu, mas não é possível prever quando a coleção da FIGTF será tratada.

É importante observar que dentro do período de sete anos entre a extinção da FIGTF e hoje o mundo passou pela pandemia do coronavírus (2019 - 2022), obrigando estas instituições a fechar por questões de saúde pública, o que impactou diretamente no tratamento da informação por impedir o acesso aos itens para tratamento. Recentemente soma-se a este impedimento o estado de calamidade causado por enchentes durante o mês de maio no estado do RS, que atingiu acervos e instituições. O Musecom, por exemplo, ficou 90 dias fechado e será reaberto dia 5 de agosto, pois sofreu danos causados pelas águas (Rio Grande do Sul, 2024), e o MARS teve o acesso comprometido por igual período.

5.4 MEDIDAS TOMADAS PARA PERMITIR O ACESSO DA SOCIEDADE AO MESMO

Bibliotecas, arquivos e museus são instituições diferentes mas “têm como funções básicas coletar, preservar, organizar e dar acesso público ao patrimônio cultural sob sua guarda, seja para fins educacionais e de pesquisa, seja para enriquecimento cultural ou entretenimento” (Almeida, 2016, p. 164).

Cada instituição da secretaria da cultura do estado do RS possui autonomia para definir como o usuário tem acesso às informações e aos itens das coleções da FIGTF, de acordo com as normas pré-estabelecidas pelas legislações correspondentes a cada tipologia. Mas tratando-se de coleções que fazem parte de uma única Fonte geradora (FIGTF), onde seus itens se interrelacionam, é preciso entender como estas instituições tratam a informação contida nos itens e como isto contribui para “prestar um serviço mais abrangente e de maior qualidade” (Nogueira; Araujo, 2016, p. 201) para o público. Os autores também apontam que:

As fronteiras entre ABMs se tornam tênues, ainda que se mantenham claras as diferenças conceituais e técnicas específicas de cada campo, ao se alinharem para estabelecer uma relação informacional-cultural-educativa com o usuário-público-visitante e com os documentos. (Nogueira; Araujo, 2016, p. 204)

Instituições como arquivo, biblioteca e museu são instituições que precisam coordenar ações conjuntas para permitir a divulgação e acesso de seus acervos:

[...]instituições de patrimônio, cultura e memória passam também a representar uma nova demanda: tomar seus acervos amplamente disponíveis e acessíveis, inclusive fora dos seus limites institucionais, já que o perfil dos novos usuários os caracteriza como consumidores e pesquisadores de informação, sob qualquer forma: artigo, livro, fotografia, música, mapa, objeto etc. Localizados, ou não, fisicamente em um arquivo, biblioteca ou museu; desde que os recursos de busca e acesso sejam eficientes. (Nogueira; Araujo, 2016, p. 204).

Entretanto, a realidade constatada nas visitas e entrevistas demonstra que hoje o usuário tem acesso às coleções da FIGTF da seguinte forma:

A BPE demonstrou que tem total domínio sobre a coleção de livros da “FIGTF”, pois possui lista com todos os livros recebidos disponível no site Acervos da Cultura (destes, alguns já estão disponíveis para pesquisa e empréstimo e outros ainda aguardam tratamento pelo processamento técnico), mas não tem informação do conteúdo das 220 pastas de clipagem pois apenas quatro tiveram seu conteúdo analisado por estagiário e este tratamento está em planilha de excel; os 1.108 livros da FIGTF que estão disponíveis na biblioteca podem ser acessados pelo seu catálogo online⁸ e estão identificados como coleção “FIGTF” (Figura 5); alguns estão liberados para empréstimo, outros para consulta local.

A DPNH mantém os itens da coleção FIGTF juntos, identificados como coleção “IGTF”, e, segundo a entrevista, conta hoje com 197 itens em catálogo online da instituição, o qual apresenta o título do autor (do artista), o título do LP, o ano, a gravadora e o código de localização (não há tratamento para o conteúdo dos discos). A DPNH não trabalha com empréstimo de materiais, mas se o usuário precisar do conteúdo das faixas pode ouvir ou fazer cópias de trechos para alguma pesquisa, passando direto para o computador. A discoteca tem o equipamento que adapta no disco, onde é possível conectar o computador ou o laptop e a pessoa pode extrair uma faixa.

⁸ <https://bpe.biblioteca.site/opac/php/index.php>

Por meio das investigações de Lampert (2021, grifo nosso), teve-se conhecimento de importante revelação da diretora do Instituto Estadual de Música acerca da procura dos itens da extinta FIGTF:

A diretora da Discoteca afirma que – mesmo durante a pandemia – há procura pelo acervo musical do IGTF: a maior demanda é de integrantes do tradicionalismo, “que querem ter certeza de que o material está bem conservado – e saem tranquilos, porque sim”, destaca **Cida [Pimentel]**. “Mas também há alguma busca para pesquisa escolar.” A gestora observa que “é claro que o pessoal do tradicionalismo se ressentiu com a extinção do IGTF”, porém pondera que se for se considerar a boa “manutenção da memória”, as peças “foram para os devidos lugares” e, atualmente, se encontram em instituições “com expertise para cuidar e com qualificação para manter e preservar o acervo”.

O MUSECOM possui levantamento dos quadros da coleção “FIGTF” em planilha, levantamentos parciais dos diapositivos em planilhas e alguns diapositivos digitalizados e disponíveis no catálogo online, mas no momento não estão tratando a coleção “FIGTF” por falta de pessoal; O usuário comum precisa fazer solicitação para acessar as coleções;

O MARS (2024a) comunica por mensagem eletrônica que está com a coleção da FIGTF em local provisório e o acesso ao usuário ocorre só com hora marcada e acompanhada de funcionário. A instituição possui catálogo online, mas a coleção da FIGTF não está inserida neste catálogo e o catálogo físico foi enviado parcialmente em 19 de julho de 2024 (ANEXO B).

O AHRS tem toda a coleção organizada e liberada à pesquisa. Dispõe de instrumento de busca em meio físico que fica disponibilizado diretamente ao pesquisador no AHRS. Há ainda um meio digital que pode ser enviado via e-mail quando o pesquisador solicita informações, ação que facilita a decisão do mesmo. Para o acesso à documentação física o pesquisador precisa agendar com a instituição e pode enviar e-mail para agendamento-ahrs@sedac.rs.gov.br.

Essas cinco instituições e suas três configurações distintas, sendo parte da Secretaria da Cultura do Estado do RS, no momento não possuem um sistema de tratamento e recuperação da informação unificado para tratar as coleções, como menciona AHRS em entrevista (APÊNDICE I): “A necessidade que atualmente existe do pesquisador visitar várias instituições para acesso ao acervo físico.” (AHRS, 2024). Esta padronização de procedimentos permitiria que o usuário tivesse acesso ao acervo da extinta FIGTF na sua totalidade, sem a necessidade de deslocamento físico.

5.5 QUAL A IMPORTÂNCIA DO ACERVO DO FIGTF PARA A MEMÓRIA DO RS SEGUNDO SUA OPINIÃO?

A instituição FIGTF produziu e coletou informações que contribuíram na construção da cultura gaúcha como pode-se conferir em Lampert (2021):

“Muitos festivais nativistas surgiram através do incentivo do Instituto, e realizávamos inúmeras pesquisas e estudos sobre música, dança, indumentária, culinária, construções de casas coloniais e outras estruturas, como moinhos, fornos, cemitérios, enfim, uma série de fatores que narravam a história do folclore gaúcho” (Lampert, 2021).

A importância de preservação e divulgação da informação contida no acervo da extinta FIGTF é confirmada nas palavras dos responsáveis envolvidos (APÊNDICE C):

[...] é extremamente importante e relevante, porque ele é muito completo, é material raro, então é muito importante esse material ser o quanto antes catalogado e disponibilizado à consulta, tanto do público em geral quanto dos pesquisadores.

As cinco instituições de salvaguarda são unânimes em afirmar a importância de se preservar o acervo da extinta FIGTF como forma de manter viva a memória tradicionalista gaúcha e divulgar o legado deixado pela mesma.

A análise levou em consideração as diferentes instituições, suas características e sua autonomia, pois o acervo da FIGTF foi distribuído entre museu, arquivo e biblioteca.

Da análise dos dados coletados conclui-se que, passados sete anos da dispersão do acervo da extinta FIGTF (2017-2024), o estado do RS ainda não tratou adequadamente as informações contidas nos itens das coleções, tampouco identificou as interações entre estes itens, o que impacta diretamente a pesquisa sobre a memória do folclore e do tradicionalismo gaúcho não dando o devido acesso aos documentos da FIGTF a pesquisadores.

Foram identificados vários fatores que colaboram para este cenário, destes, o fator de maior impacto nesta falta de tratamento é a defasagem de equipe qualificada para este tratamento ser feito de maneira a compreender toda a complexidade do acervo; além deste, o distanciamento cada vez maior entre o fato de dispersão e o tratamento dos itens é outro fator de relevância, pois a pesquisa mostrou que a medida que o tempo passa vão se perdendo informações importantes sobre o acervo, conforme registrado na mensagem eletrônica do MARS (2024a), na seção 5.3 deste trabalho (p. 47) e na reportagem do jornal Extra Classe “No caso do acervo do IGTF, que tinha um motivo para existir, a pesquisa e narrativa do tradicionalismo gaúcho se

perdem a partir de sua dispersão, é uma obra que se despedaça” (Lampert, 2021). Soma-se a estes o fato da divisão ter ocorrido de maneira a priorizar “ custos financeiros e não para salvar a memória ali contada” (Lampert, 2021) e também que parte dos itens está no lugar errado: vídeos, VHS e Super 8 foram para o MARS, mas deveriam estar no Hipólito José da Costa (Muller, 2019).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho abordou a dispersão do acervo da extinta Fundação Instituto Gaúcho de Tradição e Folclore (FIGTF) e as repercussões dessa dispersão na memória do Rio Grande do Sul. A análise da dispersão do acervo da FIGTF é fundamental para compreender como esse processo afeta a preservação da memória, pois a forma como essas coleções são tratadas influencia o acesso da sociedade a elas. Assim, esta monografia teve como objetivo responder à seguinte questão de pesquisa: o que aconteceu com o acervo da FIGTF?

A dispersão de acervos é um fenômeno comum na administração pública e ocorre por diversos motivos. Neste estudo, buscamos entender como essa dispersão ocorreu e suas consequências.

O principal objetivo desta pesquisa foi atendido, pois ao examinar o estado físico e catalográfico atual desse acervo, compreendemos os esforços e as dificuldades encontradas em tratar um acervo disperso. Sugerimos a hipótese de que a dispersão do acervo não beneficiou o acesso à informação, hipótese confirmada pela análise das entrevistas e visitas às instituições, embora exista um consenso entre os profissionais entrevistados de que a localização atual dos itens garante a preservação física do acervo da FIGTF.

Os objetivos específicos eram: entender como o poder público trata as coleções da FIGTF, quais os impactos desta dispersão e como ocorre o acesso físico e virtual aos itens. Estes objetivos foram atingidos, pois para isto a análise foi estruturada com base nas perguntas feitas aos entrevistados, no que foi visto nos acervos e no que foi registrado e divulgado nos meios de comunicação. Inicialmente procurou-se entender os impactos da chegada das coleções nas instituições: as cinco instituições que receberam as coleções da extinta FIGTF sofreram impactos relevantes na chegada dos itens das coleções, as entrevistas salientam três pontos importantes: falta de espaço físico, falta de funcionários, organização precária dos itens, conservação inadequada e perda de itens ou de contexto.

A seguir procurou-se entender como é o acesso físico e virtual aos itens e se o tratamento dado à informação permite que o conteúdo seja acessado de maneira adequada. Neste ponto identificou-se que essas cinco instituições, nas suas três configurações distintas, não dialogam para acolher a maneira adequada e unificada

de tratar as coleções, o que permitiria que o usuário tivesse acesso ao acervo da extinta FIGTF na sua totalidade.

Da análise dos dados coletados conclui-se que, passados sete anos da dispersão do acervo da extinta FIGTF (2017-2024), o estado do RS ainda não tratou adequadamente as informações contidas nos itens das coleções, tampouco identificou as interações entre estes itens, o que impacta diretamente a pesquisa sobre a memória do folclore e do tradicionalismo gaúcho, não dando o devido acesso aos documentos da FIGTF a pesquisadores, por deficiência de responsáveis qualificados para este tratamento. Em um momento anterior ocorreu parceria entre o governo do estado e a UFSM, que gerou uma organização de fundo e subfundos relevante para localizar as coleções, mas mesmo esta parceria não abrangeu toda a complexidade de tratamento que tal acervo exige.

A metodologia aplicada para chegar a esta conclusão mostrou-se efetiva, pois a soma das entrevistas com as visitas aos locais e os registros na mídia a respeito da dispersão do acervo permitiram que os dados coletados identificassem a real situação atual da organização e do tratamento da informação contida nas coleções.

Na aplicação da metodologia ocorreram algumas limitações que devem ser consideradas, como a demora entre o pedido de acesso ao acervo e a liberação do mesmo já que a solicitação a SEDAC foi feita em 27 de março e as visitas foram concluídas em 26 de abril, logo após a última entrevista a cidade de Porto Alegre teve seu centro histórico inundado, obrigando o MARS, o AHRS, o MUSECOM, a DPNH e a BPE permanecerem fechadas, algumas até o momento, este fato impossibilitou um possível retorno nos locais para complementar e aprimorar a análise. O acesso aos sites das instituições para coleta de dados também ficou prejudicado pela inundação, pois o centro de processamento de dados do estado do RS foi atingido por água, as páginas das instituições ficaram indisponíveis de 6 a 27 de maio de 2024, retornando parcialmente desde então.

Este trabalho constitui em registro documental da situação atual do acervo da extinta FIGTF, entretanto não traz soluções definitivas para a questão do tratamento da informação, mas se torna fonte para novos trabalhos relacionados a memória gaúcha e ao tratamento da informação de acervos dispersos, também sugere uma nova parceria, agora entre instituições de ensino superior dos cursos de Arquivologia, Biblioteconomia, Museologia e o governo do estado do RS, para dar continuidade ao trabalho de indexação iniciado e contribuir para a preservação da memória gaúcha.

Ambas as instituições se beneficiarão desta parceria: a universidade tendo a oportunidade de realizar projetos de extensão para os três cursos da ciência da informação, relacionados ao resgate desta memória; enquanto o governo do estado poderá reforçar seu compromisso com a preservação cultural e histórica local. Essa parceria poderá promover a revitalização do acervo e garantir que o patrimônio cultural seja adequadamente conservado e acessível para futuras gerações.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. M. de. História Oral e Formalidades metodológicas. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA ORAL, 11., 2012, Rio de Janeiro. **Anais** [...]. Rio de Janeiro: UFRJ, 2012. p. 1-15. Disponível em: https://www.historiaoral.org.br/resources/anais/3/1332442488_ARQUIVO_ABHOHistoriaoralformalidadesmetodologicas.pdf. Acesso em: 17 mar. 2024.

ALMEIDA, M. C. B de. Bibliotecas, arquivos e museus: convergências. **Revista Conhecimento em ação**. Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 163-185, jan./jun. 2016. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/rca/article/view/2737/2807> . Acesso em 03 jul. 2024.

ALVES, M. C. S. de O.. A importância da história oral como metodologia de pesquisa. *In*: SEMANA DE HISTÓRIA DO PONTAL/ENCONTRO ANUAL DE ENSINO DE HISTÓRIA, 4/3, 2016, Uberlândia. **Anais** [...]. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 2016. p. 1-9. Disponível em: <https://eventos.ufu.br/sites/eventos.ufu.br/files/documentos/mariacristinasantosdeoliveiraalves.pdf>. Acesso em: 17 mar. 2024.

ARQUIVO HISTÓRICO DO RIO GRANDE DO SUL. **Como está hoje o acervo da FIGTF?** Memória e tratamento da informação após a dispersão do acervo físico. Destinatário: Sandra Neusa Schatkoski Apratto. Porto Alegre. 26 abr. 2024. Mensagem eletrônica.

BIBLIOTECA PÚBLICA DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL. **Como está hoje o acervo da FIGTF?** Memória e tratamento da informação após a dispersão do acervo físico. [Entrevista cedida a] Sandra Neusa Schatkoski Apratto. Porto Alegre. 5 abr. 2024. Arquivo mp3.

BRASIL (Presidência da República). **Lei n. 8.159, de 8 de janeiro de 1991**. Dispõe sobre a política nacional de arquivos públicos e privados e dá outras providências. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8159.htm. Acesso em: 30 jul. 2024.

BRASIL (Presidência da República). **Lei n. 12.527, de 18 de novembro de 2011**. Regula o acesso a informações previsto na Constituição Federal de 1988 (inc. XXXIII, art. 5º, inciso II do § 3º, art. 37, art. 216 § 2º. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2011/lei/l12527.htm. Acesso em: 30 jul. 2024.

BRASIL (Presidência da República). **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 30 jul. 2024.

BRASIL. IBRAM. **Resolução Normativa nº 02, de 02 de agosto de 2014**. Disponível em: <https://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?data=01/09/2014&jornal=1&pagina=14&totalArquivos=120>. Acesso em: 30 jul. 2024.

BRITTO, C. C. (Org.). **Os museus e o campo da informação**: processos museais, Museologia e Ciência da Informação. São Paulo: Abecin Editora, 2023. Disponível em: <https://portal.abecin.org.br/editora/article/view/303/466>. Acesso em: 30 abr. 2024.

CHAUÍ, M.. **Convite à filosofiar**. São Paulo: Ática, 2001. Disponível em: https://home.ufam.edu.br/andersonlfc/Economia_Etica/Convite%20%20Filosofia%20-%20Marilena%20Chaui.pdf. Acesso em: 17 mar. 2024.

DANTAS, F. S.. Caracterização do direito fundamental à memória. *In: Direito Fundamental à Memória*. Curitiba: Juruá, 2010. cap. 2.

DISCOTECA PÚBLICA NATHO HENN. **Como está hoje o acervo da FIGTF?** Memória e tratamento da informação após a dispersão do acervo físico. [Entrevista cedida a] Sandra Neusa Schatkoski Apratto. Porto Alegre. 3 abr. 2024. Arquivo mp3.

FONSECA, Juarez. Parte do acervo do IGTF indo para o lixo? [manifestação de Claudio Knierim]. Porto Alegre, 11 jul. 2017. **Facebook: juarez.fonseca**. Disponível em: <https://www.facebook.com/profile/100000145607640/search/?q=Parte%20do%20acervo>. Acesso em: 30 jul. 2024

FIGTF. *In: BIBLIOTECA PÚBLICA DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL* (Catálogo Online). Pesquisa realizada em 29 jul. 2024a. Disponível em: <https://bpe.biblioteca.site/opac/php/index.php>. Acesso em: 29 jul. 2024.

FIGTF. *In: MUSECOM* (Catálogo Online). Pesquisa realizada em 29 jul. 2024b. Disponível em: https://acervos.musecom.rs.gov.br/tradicao-e-folclore/?view_mode=table&perpage=12&paged=1&order=ASC&orderby=meta_value&metakey=134&fetch_only=thumbnail&fetch_only_meta=134%2C81028%2C345%2C315. Acesso em: 29 jul. 2024.

FREITAS, S. M. de.. **História Oral**: procedimentos e possibilidades. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006. 143 p. Disponível em: https://www.academia.edu/24928968/Historia_Oral_possibilidades_e_procedimentos Acesso em: 17 mar. 2024.

GARCIA, V. C.; REDIGOLO, F. M.. Indexação e recuperação da informação: uma relação de causa e efeito. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, v. 13, n. 1, 2020. Disponível em: <https://ancib.org/revistas/index.php/tpbci/article/view/510>. Acesso em: 17 mar. 2024.

GERHARDT, T. E.; SILVEIRA D. T.. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf>. Acesso em: 27 ago. 2023.

HALBWACHS, M.. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais. 1990. Disponível em:

https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4005834/mod_resource/content/1/48811146-Maurice-Halbwachs-A-Memoria-Coletiva.pdf. Acesso em: 27 ago. 2023.

KETELAAR, E.. A dualidade do arquivar. *In: Informação e Memória: perspectivas em movimento*. Ricardo Medeiros Pimenta; Leyde Klebia Rodrigues da Silva; Thayron Rodrigues Rangel (org.). – Rio de Janeiro: IBICT, 2021. – (Coleção PPGCI 50 anos). Disponível em: <https://ridi.ibict.br/handle/123456789/1244>. Acesso em: 19 jun. 2024.

LEITÃO, C.. A entrevista como instrumento de pesquisa científica em Informática na Educação: planejamento, execução e análise. *In: PIMENTEL, Mariano; SANTOS, Edméa. (Org.) Metodologia de pesquisa científica em Informática na Educação: abordagem qualitativa*. Porto Alegre: SBC, 2021. (Série Metodologia de Pesquisa em Informática na Educação, v. 3) Disponível em: <https://metodologia.ceie-br.org/livro-3/>. Acesso em: 12 jun. 2024.

LAMPERT, A. **Acervo desmembrado dificulta pesquisa sobre o folclore gaúcho**. *Jornal Extra Classe* [online], Porto Alegre, 15 set. 2021. Disponível em: <https://www.extraclasse.org.br/cultura/2021/09/acervo-desmembrado-dificulta-pesquisa-sobre-o-folclore-gaучo/#:~:text=Organizado%20por%20mais%20de%2040,%2C%20Jos%C3%A9%20Ivo%20Sartori%20FMDDB>. Acesso em: 14 jul. 2023.

LIMA, G. N. B. O.; FUJITA, M. S. L.; REDIGOLO, F. M. A importância do contexto para a indexação. **Ponto de Acesso**, Salvador, v. 15, n. 3, p. 283-302, dez. 2021. DOI: 10.9771/rpa.v15i3.47469 Acesso em: 27 ago. 2023.

MATOS, J. S.; SENNA, A. K. de. História oral como fonte: problemas e métodos. **Historiæ**, Rio Grande, v.2, n.1, p. 95-108, 2011. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/hist/article/view/2395/1286>. Acesso 17 mar. 2024.

MELO FILHO, E. T. Relações teórico-conceituais entre identidade e memória na perspectiva da ciência da informação. **Informação em Pauta**, Fortaleza, v. 1, n. 2, p. 116-130, 2016. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/41286>. Acesso em: 02 set. 2023.

MULLER, D. Pra onde foi o acervo do IGTF? **Estância virtual**, Caxias do Sul, 8 jul. 2019. Disponível em https://estanciavirtual.com.br/inicial/pra-onde-foi-o-acervo-do-igtf/#:~:text=*ACERVO%20DE%20LIVROS%20E%20PUBLICA%C3%87%C3%95ES,P%C3%BAblica%20Municipal%20de%20Porto%20Alegre. Acesso em: 14 jul. 2023.

MUSEU ANTROPOLÓGICO DO RIO GRANDE DO SUL. **Inventário pastas A-Z**. Destinatário: Sandra Neusa Schatkoski Apratto. Porto Alegre. 19 set. 2024a. Mensagem eletrônica.

MUSEU ANTROPOLÓGICO DO RIO GRANDE DO SUL. **O que houve com o acervo do IGTF?** Memória e tratamento da informação após a dispersão do acervo físico. [Entrevista cedida a] Sandra Neusa Schatkoski Apratto. Porto Alegre. 19 abr. 2024b. Arquivo mp3.

MUSEU DE COMUNICAÇÃO SOCIAL HIPÓLITO JOSÉ DA COSTA. **Acervo da extinta fundação instituto gaúcho de tradição e folclore**: representação lógica e orgânica para qualificação do acesso. Florianópolis: Editora Arquétipos, 2023.

Disponível em:

https://www.musecom.com.br/uploads/Ebook_Acervo_Extinta_FIGTF.pdf. Acesso em: 30 nov. 2023.

NEDEL, L. B.. Regionalismo, Historiografia e memória: Sepé Tiaraju em dois tempos. **Anos 90**, Porto Alegre, v. 11, n. 19, p. 347–389, 2004. DOI:

10.22456/1983-201X.6361. Disponível em:

<https://seer.ufrgs.br/index.php/anos90/article/view/6361>. Acesso em: 16 jun. 2024.

NEDEL, L. B. **Um passado novo para uma história em crise**: regionalismo e folcloristas no Rio Grande do Sul (1948-1965). 2005. Tese (Doutorado em História), Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília, Brasília, 2005. Disponível em: <http://www.realp.unb.br/jspui/handle/10482/15294?mode=full>. Acesso em: 16 jun. 2024.

NOGUEIRA, R. D. S.; ARAUJO, C. A. A. Conexões entre Arquivo, Biblioteca e Museu: similaridade das atividades profissionais. **Informação e Sociedade**, João Pessoa, v. 26, n. 2, p. 201-224, maio/ago. 2016. Disponível em:

<https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/28745>. Acesso em: 15 jul. 2024.

PINTO, S. L. de A.. Museu e arquivo como lugares de memória. **Museologia & Interdisciplinaridade**, v. 2, n. 3, p. 89, 2013. DOI: 10.26512/museologia.v2i3.16689.

Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/museologia/article/view/16689>.

Acesso em: 20 jun. 2024.

PRIKLADNICKI, F. Após extinção de Instituto, destino de acervo sobre cultura gaúcha causa polêmica. **Jornal digital GZH**, Porto Alegre, 11 jul. 2017. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-e-lazer/noticia/2017/07/apos-extincao-de-instituto-o-destino-de-acervo-sobre-cultura-gaucha-causa-polemica-9838694.html>. Acesso em: 02 set. 2023.

RIO GRANDE DO SUL (Biblioteca pública do Estado). Coleção sobre o Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2023. Disponível em:

<https://www.bibliotecapublica.rs.gov.br/acervo/>. Acesso em: 8 jun. 2023.

RIO GRANDE DO SUL (Secretaria de Estado da Cultura). Fundação Instituto Gaúcho de Tradição e Folclore (FIGTF/IGTF). **Acervos da Cultura**, Porto Alegre, jul. 2022.

Disponível em:

<https://acervos.cultura.rs.gov.br/index.php/fundacao-instituto-gaucha-de-tradicao-e-folclore>. Acesso em: 8 jun. 2023.

RIO GRANDE DO SUL (Secretaria de Estado da Cultura). MuseCom reabre ao público na segunda-feira (5). **Cultura**, Porto Alegre, 4 ago. 2024. Disponível em:

<https://estado.rs.gov.br/musecom-reabre-ao-publico-na-segunda-feira-5>. Acesso em: 5 ago. 2024.

RIO GRANDE DO SUL (Palácio Piratini). **Lei nº 6.736, de 19 de setembro de 1974** (revogada pela Lei nº 14.978, de 16 de janeiro de 2017). Autoriza a criação do Instituto Gaúcho de Tradição e Folclore. Porto Alegre: Estado do Rio Grande do Sul. Disponível em:

<https://www.al.rs.gov.br/FileRepository/repLegisComp/Lei%20n%C2%BA%2006.736.pdf>. Acesso em 27 ago. 2023.

RIO GRANDE DO SUL (Palácio Piratini). **Lei nº 14.978, de 16 de janeiro de 2017**. Extingue a Fundação Instituto Gaúcho de Tradição e Folclore – FIGTF – e a Fundação Estadual de Pesquisa Agropecuária – FEPAGRO – e dá outras providências.

Disponível em:

<https://ww3.al.rs.gov.br/filerepository/repLegis/arquivos/LEI%2014.978.pdf>. Acesso em: 27 ago. 2023.

ROCHA, L. M. Ciência, tecnologia, política e comunicação: o desafio da ação comunicativa dos museus ante as novas formas de produção e distribuição do conhecimento. In: GONZÁLEZ DE GÓMEZ, M. N.; RABELLO, R. (org.). **Informação: agentes e intermediação**. Brasília, DF: IBICT, 2017. p. 239-310. Disponível em: <https://livroaberto.ibict.br/bitstream/123456789/1068/2/Informacao%20agentes%20e%20intermidacao.pdf>. Acesso em: 17 mar. 2024

SILVA, A. P. C.; CAVALCANTE, L. E.; NUNES, J. V.. Informação e memória: aproximações teóricas e conceituais. **Encontros Bibli**, Florianópolis, v. 23, n. 52, p. 95-106, 2018. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/147/14762411008/>. Acesso em: 02 set. 2023.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. **Manual**. REPHO – Repositório de Entrevistas de História Oral/UFRGS, Porto Alegre. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/repho/wp-content/uploads/2018/08/Manual-do-Repositorio-de-Entr-estivas-de-Historia-Oral-versao-maio-2022.pdf>. Acesso em 15 mar. 2024.

VALENTIN, M. L. P.; LENZI, L. A. F.. Atuação do bibliotecário em diferentes unidades de informação. In: LENZI, L. A. F.; VALENTIN, M. L. P. (org.). **Atuação do profissional bibliotecário: cotidiano vivenciado em diversos tipos de unidades de informação**. Maceió: Edufal, 2024. p. 19-37.

VILHENA, C. M. A.; DIAS, C. C. Arquivo, biblioteca e museu como espaços de cultura e preservação. **Informação & Sociedade**, João Pessoa, v. 29, n. 3, p. 81-94, jul./set. 2019. Disponível em: <https://brapci.inf.br/#/v/147920>. Acesso em 03 jul. 2024.

APÊNDICE A - Termo de Consentimento

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Você está sendo convidado para participar da pesquisa sobre a “dispersão do acervo da extinta Fundação Instituto Gaúcho de Tradição e Folclore” conduzida por Sandra Neusa Schatkoski Apratto, aluna do Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, que está realizando Trabalho de Conclusão de Curso orientada pela Profa. Ma. Marlise Maria Giovanaz, docente na FABICO/UFRGS.

Sua participação no estudo é voluntária e anônima e a pesquisa não apresenta riscos previsíveis para os participantes. A sua colaboração será de grande valor para ampliar o conhecimento sobre a FIGTF.

Todos os dados fornecidos serão mantidos em sigilo e utilizados exclusivamente para fins acadêmicos.

A realização da entrevista leva em torno de 60 minutos, mas você pode cancelar a sua participação a qualquer momento, caso se sinta incomodado.

O aluno coloca-se à disposição para qualquer dúvida ou esclarecimento adicional através do e-mail sandra.apratto@ufrgs.br.

Eu....., manifesto expressamente minha concordância em participar da pesquisa descrita acima e concedo permissão para os pesquisadores usarem os dados coletados, sem, no entanto, menção aos meus dados pessoais.

Data/...../.....

Assinatura do participante

Assinatura do aluno.

APÊNDICE B - Roteiro base para a entrevista

1. Qual o seu nome completo, onde trabalha, sua função nesta Instituição e a coleção que recebeu do FIGTF?
2. Antes da extinção e do deslocamento do acervo da FIGTF você tinha conhecimento do mesmo?
3. Quais os impactos iniciais enfrentados no ato da aquisição/recebimento da coleção destinada a esta Instituição?
4. Como está sendo feito o tratamento da coleção hoje? Foi considerada a organização anterior?
5. Quais as medidas tomadas para permitir o acesso da sociedade ao mesmo?
6. Qual a importância do acervo do FIGTF para a memória do RS segundo sua opinião?

Fonte: A autora.

APÊNDICE C - Entrevista DPNH

Entrevista feita em 3 de abril, na R. dos Andradas, 736 - Centro Histórico, Porto Alegre.

DPNH - Y.B., responsável aqui de políticas públicas e projetos, analista em ações culturais.

Pesquisador - Conhecia o FIGTF antes da extinção?

DPNH - Eu não conhecia esse acervo do IGTF. Aliás, eu sabia da essência, nem do IGTF não sabia nem o que era, né? Quando a gente chegou aqui (2022), ele (acervo) já tinha chegado, e esse acervo aqui de discos e ele já veio mais ou menos organizado, né? Dentro dos armários de aço em ordem alfabética, relativamente estrita assim, então, o que facilitou bastante para a gente tomar conhecimento do que se tratava. E aí a gente começou a no mesmo período a gente começou esse processo de instalação do ABCD, porque já era uma demanda da da discoteca, né, pra os outros materiais. E aí veio da Adriana, nossa diretora também, essa prioridade para começar a catalogação no ABCD pelo acervo do dos discos do IGTF, né? E na verdade demorou um pouco para ocorrer a instalação e a implementação do software, e agora que a gente tá iniciando, na verdade a catalogação.

Pesquisador - Como os itens da FIGTF estão sendo registrados?

DPNH - A gente iniciou com um ABCD.

Pesquisador - Pode contar detalhes?

DPNH - Justamente por conta de já ter existido anteriormente aqui na discoteca, o Winisis (sistema de catalogação anterior), que tinha uma grande parte do acervo da discoteca de discos já catalogados pelos pelas antigas bibliotecárias aqui. E daí, dada a relação do início com ABCD, por ser meio que uma extensão, a gente optou por continuar com ABCD, fazer essa essa migração, né? Dos antigos dados e já agora, a partir desse ano, fazer a migração do e a catalogação dos discos do IGTF já no ABCD.

Pesquisador - E eles (itens da FIGTF) vão ficar em uma coleção?

DPNH - Isso, isso. Eles estão numa coleção separada. Ali a gente optou por justamente separar para manter a memória também do IGTF, que foi super importante aqui para o estado, não é? E ter essa identificação no caso. Então, por exemplo, aqui a gente manteve "IGTF". Aí a gente tá fazendo a catalogação pelas letras, né? Então todos os discos com compositores que tenham a letra "A" no início a gente coloca "IGTF vol. A", e aí o número do exemplar.

Pesquisador - Quantas pessoas estão envolvidas neste trabalho?

DPNH - Então a gente também tem 2 estagiários que estão nos auxiliando.

Pesquisador - Estagiários de biblioteconomia?

DPNH - Não, só a gente. A gente tentou e quando a gente fez a seleção, a gente divulgou para todos da biblio, do arquivo, mas não houve nenhum aluno desses cursos. Eles são da música mesmo, né? Assim como nós aqui somos oriundos da da música, né? Com outras formações também, mas não a biblioteconomia.

Pesquisador - E como foi lidar com este material da FIGTF?

DPNH - Então, inicialmente, a gente viu que ele é um material que estava em excelente estado, né? Todos os discos estão acondicionados em plásticos adequados. Tinha uma ordem alfabética relativamente bem organizada. O estado dos vinis é excelente, né? Acredito que a grande maioria dos que a gente viu está em perfeito estado. É e é um acervo riquíssimo, que é a partir do ano que a gente foi começando. A gente teve que transferir ele de local. No primeiro momento, ele estava numa sala que foi requerida, e levamos para a sala que está agora. Mas a gente resolveu manter ele como uma coleção IGTF em separado, não misturá-lo no acervo geral da discotecas, por conta dele já está isso, isso e aí até a gente agora na catalogação, quando a gente adotou até na codificação materiais do código IGTF para identificar ali o material antes da letra e do número, até para já indicar, né? Pro requerente ir pesquisando tudo que faz parte dessa coleção que veio (do IGTF).

Pesquisador - É o primeiro passo para ligar este acervo de discos com o todo do

IGTF, não?

DPNH - E como tenho uma demanda muito grande de, de catalogações até de outras coleções, a gente está escolhendo agora. Inserir metadados é restrito, sem grandes desdobramentos nesse material, né? O título do autor (do artista), o título do LP, o ano. A gravadora e o código de localização.

Pesquisador - Só dados básicos?

DPNH - A princípio, são. Até para poder acelerar e poder finalizar essa etapa o quanto antes. O conteúdo dos discos fica com o segundo momento.

Pesquisador - Conteúdo dados das faixas, não?

DPNH - Não, inclusive, a pessoa usuária pode vir e localizar e a partir dali facilmente levantar as faixas, né? Ah. E aí alguns, alguns já está, o site já está no ar, a partir daí a gente vai já fazendo a catalogação e automaticamente esses itens já estão disponíveis.

Pesquisador - Disponível para o público consultar?

DPNH - E como a gente não trabalha aqui com empréstimo de materiais, a dinâmica é, o usuário pode acessar, localizar o item. Sobre o exemplar vir até aqui, a gente localiza exemplar e a pessoa pode ouvir ou até mesmo de repente fazer cópia de trechos que precise para alguma pesquisa, né?

Pesquisador - Como faz a cópia?

DPNH - Dá pra passar direto pro computador, a gente tem o equipamento que adapta no disco, que é possível conectar no computador, no laptop e a pessoa pode extrair uma faixa.

Pesquisador - Seria interessante então, em termos de indexação, num segundo momento, trazer estagiários ou trazer um grupo pra fazer essa, esse complemento?

DPNH - Muito, muito importante. Muito importante para a gente. A gente tem um déficit de pessoal, né? A gente está em 2 servidores que atuam nessa junto a essa atividade aí. Eu e o Yuri temos 2 estagiários que não são da biblioteconomia, são da

música.

Pesquisador - Nenhum bibliotecário?

DPNH - No momento, a gente não dispõe de bibliotecário. Já foi feito mais de uma vez, pedido para que a gente pudesse ter mas há um déficit, mesmo tendo tido concurso, e acho que até entrou alguém, mas a demanda é tão grande que não que ainda continua por falta. Então seria excelente a gente ter parceria com biblioteconomia nas universidades. Dá 1 lastro técnico também, né? Já que a gente não é da área, podemos auxiliar em questões mais técnicas, né? Temos livros aqui da biblioteca da discoteca, eles já estavam todos catalogados de acordo com as normas, tudo pelas bibliotecárias que haviam passado por aqui, inclusive já tinham sido colocados no sistema, então a gente só migrou (para o ABCD).

Pesquisador - Para os discos é diferente a catalogação, são outros itens.

DPNH - O que seria é um tipo de material que tem um regramento bem mais completo. A gente não poderia fazer esse tipo de catalogação, não teria como. Mas então seria excelente assim ter colaboração de, tanto estagiários, quanto profissionais da área de biblioteconomia que tivessem interessados nessa coleção. Nos acervos das instituições.

Pesquisador - Olha, muito bom, eu não consigo pensar em mais nada para perguntar, talvez queira contribuir com mais alguma coisa.

DPNH - Eu tô vendo aqui a pergunta, as perguntas, né, que você passou? É a última pergunta que dá importância do acervo, né? Eu acho que é extremamente importante e relevante, porque ele é muito completo, né? Acredito que tenha coisas ali que talvez, em termos de acervo, não sei se talvez não musecom possa ser encontrado, mas em poucos lugares não vai se encontrar. Então é material raro, né? Então é muito importante esse material ser o quanto antes catalogado e disponibilizado à consulta, tanto do público em geral quanto dos pesquisadores. E o nosso objetivo é dar maior acesso possível, né, a todo esse material? Então a nossa demanda inicial foi mesmo de catalogá-los para que esse material pudesse ser localizável, né? e disponibilizado para aqui na discoteca. E pra quem quisesse ouvir.

Pesquisador - Eu poderia dar uma olhadinha no acervo do IGTF?

DPNH - Sim, claro, vamos lá.

Fonte: DPNH (2024, entrevista).

APÊNDICE D - Entrevista MUSECOM 1

Entrevista feita em 15 de abril, na Rua dos Andradas, 959. Centro, Porto Alegre.

(Esta entrevista iniciou de maneira informal e não gravada no trajeto entre a recepção do MUSECOM e o acervo, estas informações foram registradas no diário de campo)

Pesquisador - O acervo está como hoje? Estou vendo pastas com o nome FIGTF...

MUSECOM 1 - Mas, assim, por exemplo, a gente não reacondicionou ainda. Né? Um por um (apontando para os diapositivos). Só as fotografias. Não houve manuseio nem tratamento individual das peças (diapositivos e fotos). E isso só assim, né? O que a gente conseguiu no momento foi, né, fazer essa troca pelo menos nas caixas que já estavam se desfazendo, assim por uma melhor, situação bem complicada.

Pesquisador - E como foi a organização? Para deixar eles juntos e organizados?

MUSECOM 1 - A gente tinha um problema bem sério no museu. Eu entrei aqui em 2019. O pessoal que estava aqui se aposentou. Que estava aqui, tinha pouquíssimos funcionários na também, 2 funcionárias se aposentaram. E um funcionário faleceu, então ficamos sem ninguém do pessoal, né? Dos técnicos antigos?

Pesquisador - Para toda a demanda do museu?

MUSECOM 1 - Para todo museu, né? Nós temos. Não sei se chegaste a ver assim as outras reservas. A gente tem umas reservas gigantescas aqui.

Pesquisador - Não, essa é a primeira vez que eu entro.

MUSECOM 1 - Essa é pequena, as outras são grandes. E assim, e a gente via essa defasagem assim, né? De tratamento, né? Então o que que a gente optou? Se vamos ir do maior pro menor, então gaveteiros novos, caixa. Caixas novas, trocar, identificar. Não tinha identificação clara de nada. Às vezes era um papelzinho assim, solto, nem colado.

Pesquisador - Corre o risco de perder, de trocar a caixa?

MUSECOM 1 - Que é que a gente quis fazer? A gente quis garantir isso. Essa, né? Essa questão da informação não se perdesse. Identificar, fazer esse acondicionamento, ir trabalhando naquele esquema da cebola, assim, trabalhando maior para o menor. Recebendo, tratando da situação emergencial, mais genérica para o detalhe. Então esse aqui foi um dos primeiros que a gente pegou (IGTF), porque eu estava numa situação (péssimo acondicionamento). É, né? Enfim, precisando de cuidado assim, não é? Foi um dos primeiros que a gente pegou. Estava com a identificação que veio a caixa, né? A gente ainda não tratou internamente também. Estamos fazendo esse esquema que eu te falei do maior para o menor. Claro. E né? Enfim, aqui ainda estão todas. Informações da movimentação. Só que eu acho super importante sempre colocar, porque se a gente trabalha só com medo e busca indireto numa, enfim, se numa realidade ali de um de um arquivo pequeno, uma sala só, enfim, ou algo assim que tenha muita gente que consiga trabalhar nesse controle, é mais tranquilo. Agora, trabalhava num museu desse tamanho. Né? É muito fácil a coisa se perder. E é isso até que a gente faz. Porque a gente achava objetos, né? De uma reserva, que deveriam teoricamente estar numa reserva, a gente achava outro lugar totalmente diferente. Então, para criar essa ligação para o pessoal entender porque que estava, estava lá antes e veio para cá, né? Para dar toda essa clareza assim. Já estou olhando para a caixa sem precisar recorrer ao meio de busca.

Pesquisador - Com certeza, um método bem inteligente.

MUSECOM 1 - Todos estão tudo o que eu tirei de seu lugar, né? Ou, enfim, achei, não é numa situação assim, meio não é sem clareza do porquê que tinha vindo para cá, não é que momento tinha vindo para cá? Qual a situação? As informações que eu tinha coloquei aqui e me baseei no suporte para determinar o local.

Pesquisador - Então nessa reserva ficaram as fotos e os diapositivos?

MUSECOM 1 - Aqui pro museu só veio fotografia e negativos.

Pesquisador - Ah, claro, sim, sim, os envelopes que eu vi dentro tem fotos (dentro das caixas). É só?

MUSECOM 1- Isso.

Pesquisador - E os diapositivos aqui nas caixas metálicas?

MUSECOM 1 - Isso é que tem diapositivos e alguma coisa de negativo também tá meio junto o negócio.

Pesquisador - Então o que eu preciso ver é exatamente isso, a conservação e a organização. E lá embaixo agora vê como é que é. Essa informação começou a ser tratada agora, pelo que o Cássio me disse há poucos dias, né? Dentro de toda demanda do museu, claro, mas existe um interesse em catalogar e indexar o conteúdo dessas, dessas caixas, dessas imagens, não é?

MUSECOM 1 - Aham, isso é. São essas demandas que vão surgindo assim e a gente vai, né? Se vamos resolvendo por etapas, né? E é algo que eu acho que é bem importante assim, né, pra, enfim, toda a memória da da instituição, né? Que a gente mantenha uma coisa assim, que é bem importante nessa que o que o Cássio conseguiu fazer nesse trabalho junto com o Chico, a gente tinha toda essa questão assim do acervo.

Pesquisador - Que questão?

MUSECOM 1 - Tinha nesse documento que a gente trabalhou inicialmente, né? Que eu não trabalhei, mas que outras pessoas elaboraram. Enfim, tinha uma designação do que iria para onde. Então, basicamente cada um trabalhou só no suporte.

Pesquisador - Que tinha que trabalhar?

MUSECOM 1 - Claro, sim, mas quem elaborou não fez essa conexão entre as coisas, só determinou para ir cada coisa para mudar, sem levar em conta essa questão da documentação de tu resgatar informação. Então, por exemplo, que nem eu te falei, tem essa, essa codificação que foi atribuída, não é, enfim, que foi pensada ali pelo IGTF. Para esse senhor que eu não lembro o nome, mas enfim, ele pensou numa codificação que é usada para todos os acervos.

Pesquisador - Essa codificação ficou numa instituição, né? Então daqui a pouco está precisando de um disco que está referenciado num num outro documento que

ficou em outra parte, então, esse é x do meu trabalho exato, a inter-relação entre os documentos, porque, por exemplo, eu fiquei pensando Alegrete, fez, sei lá, 1 evento nativo com premiação, teve pessoas inscritas, gerou vídeo, gerou foto, gerou clipagem, gerou documentos de inscrição, gerou disco, né? Gerou, inclusive, sei lá, uma literatura... Onde está tudo isso? Como se relaciona?

MUSECOM 1 - E que nem assim, por exemplo, eu não considero nem o que está lá no arquivo histórico. Não considero que seja fundo. Eu considero que seja coleção, sim, porque são dossiês. Só que na verdade, são dossiês com uma parte. Mesmo ela foi tratada como documento administrativo dentro de um processo, provavelmente em outro lugar.

Pesquisador - E, provavelmente, supondo esse documento administrativo seria a chave de união de todos os outros documentos gerados, isso?

MUSECOM 1 - Provavelmente, destacou um está sendo tratado pelo administrativo da Cedac, porque toda essa parte da documentação? Ficou, né? Vinculado ao administrativo. Então é bom ver com o protocolo da Cedac também. Como é que está essa questão da documentação do IGTF? Sim. Toda a documentação foi para lá.

Pesquisador - A próxima visita será no Arquivo.

MUSECOM 1 - Isso, né? E assim, ali no arquivo, né? Quem trabalhou junto comigo foi a Vanessa. Então acho bem interessante conversar com ela, né?

Pesquisador - Eu tenho agenda com a Vanessa, isso mesmo.

MUSECOM 1 - Ah, que bom. Ela que trabalhou junto comigo, fomos nós 2 pelo arquivo para trabalhar essa parte assim, não é?

Pesquisador - Então tu te envolveu em 2 etapas da dispersão desse acervo?

MUSECOM 1 - É, acabei, acabei me envolvendo em 2 etapas assim, 2 etapas diferentes. Só não participei do planejamento. Infelizmente, se eu tivesse participado do planejamento, não, eu não iria ter deixado isso acontecer (a dispersão). Claro. Ou pelo menos ia tentar que isso, né? Ia lutar para que isso não acontecesse.

Pesquisador - Eu não entro na discussão do do se foi bom ou se foi ruim a dispersão, porque existem 2 vertentes, não é realmente. Em termos de estrutura física de conservação. É, os documentos que estão aqui estão no local ideal, sim, para conservação deles. Não é perpetuação do instrumento, do formato, não é em termos de catalogação, cria-se esse problema porque tu tem, tu tem coisas aqui dentro que tu não tem como relacionar com o que está lá fora, porque tu não tem o acesso sim, né? As catalogações, elas estão acontecendo em ritmos diferentes.

MUSECOM 1 - Claro. Uma coisa assim que me incomoda bastante é isso, sabe? É que esse processo todo, ele tinha que ter começado muito antes do mês que foi dado. Para liberar o espaço? Né? Enfim, é isso a catalogação toda, né? Todas essas conexões, todo o trabalho que o Chico e o Cássio fizeram, ele tinha que ter sido feito previamente. Né? E isso não é uma coisa rápida, não é algo que se consiga em um mês. E é esse tipo de entendimento que às vezes as pessoas não têm. Elas não entendem que não. Não dá para apressar. Tem processos que não podem ser apressados. Não adianta.

Pesquisador - E mesmo assim, né? Com toda dificuldade. O trabalho riquíssimo, que ficou no Acervos da cultura e no e-book. Já dá uma boa noção do tamanho do acervo mas não são perfeitas que nem o próprio livro diz é uma preliminar não é. É o primeiro passo para a organicidade desse acervo, não é, mas é um passo importante.

MUSECOM 1 - Até lá, no arquivo a gente fez. Quando chegou, eu e a Vanessa trabalhamos num levantamento preliminar. Então a gente fez um instrumento (catálogo - Figura 35). Todos os documentos que a gente tinha recebido. Não é uma ideia ali do que cada um continha mas ajuda,então tem bastante coisa lá. Eu acho que ela vai te mostrar.

Pesquisador - Bom, bom, então lá vocês, no caso tu, tu participando, atuando no arquivo, tu conseguiu dar um tratamento um pouquinho maior sim, do que foi feito aqui? Sim, porque aqui tu ainda não conseguiu verificar o interno. É isso mesmo?

MUSECOM 1 - Sim. Eu atuei lá.

APÊNDICE E - Entrevista MUSECOM 2

Entrevista feita em 15 de abril, na Rua dos Andradas, 959. Centro, Porto Alegre.

Pesquisador - Por favor, nome completo, função da empresa.

MUSECOM 2 - É sim, o meu nome é C. F.de O. P.. Eu sou servidor público estadual da cultura do Rio Grande do Sul atualmente lotado no museu de Comunicação Hipólito José da Costa, o MUSECOM.

Pesquisador - E como que tu conhecestes a coleção do instituto?

MUSECOM 2 - Eu conheci o acervo do IGTF aqui mesmo na Secretaria da cultura, né? Como é servidor público, analista em assuntos culturais, não participei diretamente do processo de trabalho com cada um desses acervos antes, né? Participei da realização do mapeamento em 2022 e em 2023, eu e o professor Francisco Cougo, participamos da execução de um acordo de cooperação técnica do Rio Grande do Sul. E isso resultou daí numa publicação, né, num ebook, com o resultado desse mapeamento sobre a FIGTF.

Pesquisador - Antes deste envolvimento tu já tinha conhecimento do FIGTF?

MUSECOM 2 - Sim. Porque eu estou a 13 anos no estado, não é? Então é. Quando eu entrei, ele ainda não havia sido extinto, se não me engano, a extinção foi em 2017. É? E eu já sabia da existência assim do IGTF. Nunca trabalhei lá. Conheci de vista assim, colegas que trabalharam, né?

Pesquisador - Como foi receber esse acervo aqui?

MUSECOM 2 - Isso eu não sei te dizer, porque eu ainda não estava aqui quando parte do acervo foi recebido na instituição. Tá? Sim, é quem estava aqui, inclusive, é uma colega. Eu acredito que já se aposentou. Porque toda equipe aqui é muito recente.

Pesquisador - Vocês têm algum processo de catalogação dele previsto? Já iniciou? Como está sendo feito o tratamento desses desses itens, dessa coleção?

MUSECOM 2 - Perfeito aqui no museu de comunicação. A gente recebeu uma parte

do acervo do IGTF. A mais relacionada, com a iconografia. Então acho que tem 2 grandes conjuntos aqui. É maioria de diapositivos, né? Slides? Alguns negativos fotográficos e fotografias e quadros. Um levantamento desses quadros em planilha e levantamentos parciais dos diapositivos, tá, e também em planilhas, inicialmente nós colocamos disponibilizamos uma amostra é no tainakan, tá, dos negativos fotógrafos diapositivos, desculpa, né? Desses slides digitalizados, no entanto. A gente chegou a conclusão de que essa não é a metodologia mais adequada. Um pouco também em decorrência desse levantamento que foi realizado, né? E que indicou que essa parte, né, que está aqui no museu com ela, na verdade tem relações, né? Orgânicas, com outros documentos que acabaram dispersos por outras instituições aqui da Secretaria da cultura. Né? Então, nós acreditamos assim que o mais adequado, né, seria produzir descrições arquivísticas que conseguissem mapear também as localizações e contextualizar esses documentos, né? Destacar o contexto no qual eles foram produzidos e as relações entre eles, né? Lá como documentos produzidos do IGTF. No entanto, esse é um acervo bastante complexo, porque ele também tem. Tinha a parte assim de tridimensionais, né? Indumentária tinha também. É a biblioteca, né, a biblioteca do do IGTF, então, não apenas através da descrição arquivística que a gente entende que vai se conseguir, né? Dar conta de prover uma representação adequada a instrumentos de busca adequados em relação a esse acervo. A gente acha que a descrição arquivística é o mais indicado para se partir dela, porque aquilo? Uma fundação pública, né, que foi extinta e. Grande parte, né? Disso que foi disperso entre as instituições da Secretaria da cultura. É assim, como é que eu posso te dizer? Resultado de atividades que o IGTF fazia. Então, por exemplo, essas fotografias muitas vezes estão relacionadas com dossiês, com levantamentos de campo, que era uma das atividades do IGTF fazer esses levantamentos do folclore. Então esses levantamentos eram registrados em texto, em fotografia, de diferentes maneiras, às vezes eram feitas gravações, é em áudio, né? E tudo aquilo daí um registro, né, sobre um determinado objeto que o IGTF estava investigando, tá? Só que para chegar, né? Para fazer essas associações, é preciso aprofundar mais a pesquisa. E nessa publicação é sobre a representação lógica e orgânica do acervo da extinta IGTF. Fizemos pela Universidade Federal de Santa Maria. É um levantamento, um mapeamento inicial, né, pra situar onde estão, né? E tentar onde estão agora esses documentos e tentar

situar assim. Algumas dessas relações a partir de uma proposta de quadro de arranjo preliminar. Tá, eu digo PRE? Que documentação precisa ser organizada e classificada para a gente conseguir? É assim, fixar talvez 1 quadro de arranjo mais preciso.

Pesquisador - Sim, construir relações entre eles, né?

MUSECOM 2 - É entre esses documentos que possuem relações assim mais minuciosas, né? Seria preciso avançar nesse trabalho iniciado. Não é? Então por isso mesmo também, né? Já sabendo ter o trabalho também te parablenizo por essa iniciativa que é, eu acho assim, fundamental que ela seja levada adiante para que isso não se prejudique mais, além daquilo que a dispersão já prejudicou.

Pesquisador - Então tu considera que a dispersão prejudicou? o acervo em si.

MUSECOM 2 - Sim, eu acho que sim. Eu acho que a dispersão, sem uma documentação adequada, principalmente, acabou por prejudicar. Eu acho que precisava ter sido feito, né? Um trabalho é um pouco mais minucioso. É para a gente uma investigação. Não é naquele momento que possibilitasse já deixar muito bem registradas as relações, né?

Pesquisador - A totalidade dele?

MUSECOM 2 - Entre esses conjuntos, né? Que foram separados fisicamente, no entanto, eu não acho que. Necessariamente tá tudo precisa ou deva estar junto no mesmo espaço físico, tá? Eu acho que isso até é inadequado por questões de preservação mesmo, tá? Do acervo. Veja agora a iconografia, né? Slides, né? Os diapositivos estando aqui no musecom, eles estão ali em ambiente controlado, dentro de caixas de polionda, em estantes de aço, com controle rigoroso de umidade e temperatura, né? Com ar-condicionado é ligado 24 horas, 7 dias da semana. Um desumidificador, não é? Tem também termohigrômetros ali que fazem esse controle de umidade e temperatura e diferentemente de outras instituições. Fato, as colegas vão lá, pegam o registro daquilo que está, daquilo que está sendo marcado pelo terno hidrômetro e eu desconheço. Por exemplo, outra instituição está no estado onde os slides estariam numa condição tão boa de preservação, tá? E eu acho assim que Como Ele É muito multifacetado, tá? São, por exemplo, diferentes

gêneros documentais. A gente pensando da perspectiva arquivística, né? Tem um documento só na hora do documento. É iconográfico, documento textual, documento bibliográfico, né? Como tem? É esse universo todo ali é, seria muito difícil conseguir dar um tratamento adequado em uma instituição só. É, no entanto, é a dispersão. Ela causa, causa problemas, né? Eu acho que efetivamente causou e como também a gente discutiu lá no e-book, né? É 1 fenômeno assim. É meio comum na administração pública acontecer esse tipo de evento. E aí eu acho que a gente tem que, né? Buscar é trabalhar para preservar, E, difundir esse acervo, né? É avançar, né? Nesse nessa da documentação sobre o acervo, resgatando essas relações orgânicas e também deixando bem claro a proveniência dele. E naqueles pontos, né, onde a inscrição arquivística não alcança, né? E a própria o próprio saber de arquivo, ele, ele nem deve assim, avançar. Eu acho que tem daí as outras disciplinas que têm muito a contribuir, né? Que é o caso, por exemplo. A gente já sabe, né? Que além dos livros, tem também A Palestina, né? Que é também 1 coleção bibliográfica, se eu não me engano, de trabalhos de conclusão de curso. Lá, que estão atualmente no museu antropológico e. Também temos uma coleção riquíssima, né? De de indumentária e outros objetos tridimensionais que também estão no museu antropológico. E que o mais adequado seria, né? Trabalhar com museólogos envolvidos, né, assim como no outro caso, como bibliotecário envolvidos. Então teria que ser de fato um trabalho multidisciplinar, eu acho, por dar conta, é assim, da complexidade desse acervo.

Pesquisador - A musecom hoje tem uma bibliotecária? Existe alguma perspectiva dessa bibliotecária acessar o acervo, dentro da possibilidade, claro, da demanda dela, e iniciar um tratamento mais detalhado? Dado do que tem aqui da sequência?

MUSECOM 2 - Do que tem aqui a. Possibilidade sempre existe, tá? Porque a gente trabalha muito aqui, tem uma equipe com profissionais de várias formações. Então a gente usualmente assim trabalha com mais de uma pessoa, né? Envolvida em cada ação, que traz assim uns conhecimentos da sua área. Um item do IGTF é a documentação arquivística mesmo. Está que foi assim produzida em decorrência das atividades lá do do do IGTF, né? E que se relaciona com documentos textuais e com documentos sonoros. A gente não conseguiu aprofundar nisso, mas já tivemos uma amostra até o momento. Aquilo que investigamos nos indica, nos indica isso,

tá?

Pesquisador - E o usuário, no caso não pesquisador como eu, que teve acesso a escrito e tal, mas o usuário comum que quiser buscar informações sobre o IGTF. O que tem aqui no musecom ele tem acesso hoje?

MUSECOM 2 - O usuário comum, ele precisa tá fazer daí, neste caso, uma solicitação pra poder ter acesso e daí sim, daí ele vai, ele vai ter acesso, tá? Tem regras específicas, eu não sei te detalhar, porque não sou eu que trabalho com isso aqui na instituição, mas tem regras específicas para solicitação e para o acesso, tá? E aí ele, ele, ele pode, tá. Agora o que nós ainda temos que fazer, tá? E que está no mapa de fazer é pegar essa documentação e disponibilizar ela com representações digitais online para além dessas amostras que a gente disponibiliza no no Tainacan e dessa maneira, né? Qualquer usuário poderia ter um contato inicial, né, com as representações digitais e com informação sobre esse. Conjuntos que estão aqui através da internet, né, com qualquer com qualquer dispositivo, tá? Então tem esses 2 caminhos, né? O acesso presencial está falando sim, sim, de. Daí é a solicitação à instituição para visitar. Disponibilizamos uma amostra, que a gente já pensou em revisar dessa maneira como a gente tratou aquela amostra. E daí precisamos também, né? Avançar, principalmente em questão qualitativa. Sandra, mas como eu te coloquei, né? Isso está no mapa. No entanto, a gente vive um universo, né, de milhões de itens. Como eu te falei, somente ali na fotografia, né? A gente tem aquela documentação ali daí de negativos, fotográficos, né, produzidos pelo governo do estado, que são, nas nossas contas, ali, entre 700.000 e 1 milhão de negativos. Isso (a FIGTF) é só uma parte da fotografia.

Pesquisador - E a bibliotecária nova?

MUSECOM 2 - Que eu posso te dizer, tá? É que assim eu e a bibliotecária estamos trabalhando no sistema integrado de bibliotecas aqui pra Secretaria da cultura baseado num software livre. E nesse processo, nós estamos migrando a base de dados da biblioteca pública. Na biblioteca pública tem além de documentos textuais do IGF, tem também uma coleção bibliográfica e nesta coleção bibliográfica. São uns livros que vieram da biblioteca do IGTF. A informação que me foi passada quando eu fiz o levantamento IGTF, que eles estavam em processo de catalogação lá

na biblioteca pública. E, de fato, aqui no processo de catalogação da base de dados da biblioteca pública, lá no campo Mark está registrado a procedência, né, que veio do da biblioteca do IGTF.

Pesquisador - Vocês usam também alguma informação que diga pro usuário que é do IGTF? Então a coleção é identificada aqui também.

MUSECOM 2 - Sim, é identificado aqui também, tá? E a gente inclusive nesse processo de levantamento e encorajamos todas elas (outras instituições do estado que estão com parte do acervo do IGTF) a fazer essa essa identificação sempre, né? E a manter todas as informações, né? Que fossem encontradas, porque para nós é indispensável essa relação do todo, né?

Pesquisador - Com certeza, com certeza. Perfeito. É isso. Acho que é isso.

MUSECOM 2 - Está bem? Então, tá. Eu quero também dizer, só para finalizar, se tu me permite, que o resultado, né, desse mapeamento que nós fizemos, está disponível nos Acervos da cultura, lá tem uma proposta preliminar, assim de quadro de arranjo, com os resultados do levantamento que a gente fez e que saiu no e-book que está disponível para download no site do museu. Como tá que saiu em 2023, né? Mas como eu disse, isso é um levantamento e um mapeamento inicial, né? Tem muito trabalho ainda.

Fonte: MUSECOM (2024, entrevista).

APÊNDICE F - Entrevista BPE 1

Entrevista feita em 5 de abril de 2024, na R. Riachuelo, 1190 - Centro Histórico, Porto Alegre.

Pesquisador - iniciando a entrevista com o responsável da biblioteca pública do estado do RS, por favor, identifique-se.

BPE 1 - Eu sou a F. D. T., trabalho aqui na Secretaria de estado da cultura há quase 14 anos. Sou servidora. Analista em assuntos culturais, minha formação é em história pela UFRGS. Eu estou na biblioteca pública desde 2022, agosto, porque na Secretaria eu já trabalhei no teatro de arena, no arquivo histórico do Rio Grande do Sul, no museu da comunicação, na Casa de Cultura Mário Quintana, enfim, em 2022, vinha para cá para a biblioteca pública. Eu trabalho aqui no setor que se chama setor de pesquisa do Rio Grande do Sul, onde a gente tem um acervo especializado de história, literatura e assuntos culturais diversos, todos ligados ao Rio Grande do Sul e a autores gaúchos, temos documentos também, antigos aqui em cima a gente tem um acervo antigo da biblioteca, que é dos primórdios da biblioteca, do século 19, início do século 20. E eu trabalho aqui atendendo aos pesquisadores, e também as visitas guiadas e eventos culturais que acontecem aqui na biblioteca, ações educativas que a gente vai desenvolvendo ao longo do dos dias. E aí aqui, com o acervo do IGTF, eu tive um pequeno contacto, não é? Ele está sob guarda do nosso setor (de pesquisa do Rio Grande do Sul) e teve um pequeno contacto com a presença de um estagiário curricular, que começou uma planilha com alguns dados.

Pesquisador - Como foi o contato?

BPE 1 - Então, ele tinha essa demanda por trabalhar com esse acervo e eu acompanhei. Então esse esse trabalho a gente fez uma espécie de pré-identificação de 3 a 4 pastas, se não me engano, desse acervo que tem, acho que em torno de 220 pastas ou até mais, né? Eu tenho os dados ali no computador, depois posso te passar com mais precisão.

Pesquisador - começou a organização em pastas, usou algum tipo de catalogação, indexação própria, padrão ou alguma coisa mais informal?

BPE 1 - Não. Então é aquela assim, pelo que eu entendi, né, eu não estava aqui quando esse acervo chegou. Ele já tinha sido recebido pelos colegas, né? Mas pelo que eu conversei com outros colegas que também trabalham com esse acervo, ele foi mantido a sua estrutura, né? A estrutura da sua origem, né? Então cada pasta tem uma temática, né?

Pesquisador - Como são?

BPE 1 - É, são recortes de jornais, na verdade, né? Então é clipagem. Então, por exemplo, a gente trabalhou com as pastas sobre folclore, né? Então são recortes de jornais sobre folclore e desde a década de 50, né? Até os os anos 90, mais ou menos, eu acho.

Pesquisador - Estive ontem na Biblioteca Natho Henn e lá eles também tem alguma coisa do IGTF, a clipagem ficou só aqui ou em mais lugares?

BPE 1 - É verdade, eu tinha esquecido dessa questão, que algumas coisas foram desmembradas, conforme as instituições que foram, né? Então cada instituição aqui, como é um perfil mais histórico, cultural, veio esses assuntos mais diversos ou até o que sobrou, né? Porque às vezes é meio isso que acontece quando se separa, tipo, a tá, vamos mandar o quê é de música pro local referente à música pra discoteca, vamos mandar o que é de comunicação pro hipólito. Ah, o resto vai pra biblioteca.

Pesquisador - Sim, faz sentido, claro. Até porque o acervo lá no local de origem (IGTF) não tinha uma organização da documentação que eu vi, ele não tinha uma separação rígida. Não tinha uma organização propriamente dita, né? Como estes itens vieram?

BPE 1 - O que eu vejo nessas pastas? Elas têm uma identificação básica, no interior não sei, né? Com alguma especificação do que seria o folclore ali, ou o folclore, danças, folclore e lendas, né? Na pasta tem esse tipo de identificação assim. E isso já veio de lá. Esse material não foi mexido. E aí eu comecei a mexer com esse estagiário e que foi fazer essa identificação. A gente também começou e parou. Eu não me dediquei a esse trabalho porque. É isso. Eu estava focada em outras demandas e também fiquei pensando, é essa coisa do acervo, né? A gente tem às

vezes. Se não tem, porque eu trabalhei no arquivo histórico e lá o arquivo ele tem a sua numeração, Segue lá as normativas da dos arquivistas, né? Aqui não é um arquivo, né? Então, até onde eu percebi o que a gente tem de documentação? Elas não estão num sistema único ou de identificação específica. Então começar a trabalhar nisso sem ter arquivista, né? A biblioteca agora tem um arquivista. Teve já arquivistas uma época e acho que ficou sem, porque eles passaram em outro concurso e saíram da biblioteca. E aí agora veio uma arquivista para cá. Ela está trabalhando na documentação administrativa da biblioteca, então é todo um trabalho também. Então assim, envolve, envolve todo um processo e braços para isso também, né? Vai apagando incêndio, né? Que daqui a pouco é uma demanda mais urgente, eu Ah, vamos fazer uma exposição? Ah, então tem que ver isso, né? Ah, tem que atender ao pessoal que vem visitar. Então isso também toma bastante tempo, não é? Daí acabou que eu não senti, assim, uma segurança para trabalhar num acervo, né? Achei que seria um trabalho um pouco assim, precisaria de mais estofado, né? De estar em equipe com a minha, com a minha colega arquivista, né? Teria que ser algo para ser pensado. E também me questiono também, dentro da biblioteca, de todas as demandas que a gente tem, se isso seria uma prioridade, né? Claro. Então, no momento não está sendo, né?

Pesquisador - Sim, sim, entendo. E no momento que vocês conseguiram manusear como acervo do IGTF, qual foi a sistemática que você usou para montar essas planilhas?

BPE 1 - Isso foi uma bem simples, bem objetivo de identificar O que que era cada documento, né? Assim, para ter uma noção do que é que teria dentro da pasta, né? Que era um, né? O conteúdo dos recortes. Bem breve um, né? Mas assim até às vezes só o título mesmo, né? Assim.

Pesquisador - E o registro que você fez, ele é interno, é só de vocês, não está em nenhum catálogo, nada. É isso mesmo, isso. Essa seria uma das principais dúvidas, né? Porque como eu estou tratando a memória, né? Então seria a memória gaúcha e a disponibilização para o usuário final, não é?

BPE 1 - isso.

Pesquisador - Então existe um processo de catalogação que vocês estão fazendo. Isso é muito importante, não é? Mas ele ainda não está disponível. Então se alguém precisasse fazer a pesquisa na clipagem, teria que?

BPE 1 - Buscar. A gente não nega o acesso à documentação, né? Mas a pessoa teria que fazer uma busca bem, ela teria que ter. Que ter assim, muito claro que ela quer mexer com a documentação, sei lá sobre danças folclóricas, a gente consegue ver a pasta, danças folclóricas. Aí ela vai achar ali coisas sobre esse assunto. Mas assim, se ela quer dançar folclóricas italianas de não sei quê aí eu já não sei dizer se a gente tem ou não tem, né? Então a pessoa tem que fazer a busca e daqui a pouco nada tem, que é o trabalho do é o trabalho investigativo do historiador, né? Do pesquisador e que às vezes é trabalhoso, né? e a e a resposta nem sempre é Positiva,

Pesquisador - Se eu puder dar uma olhada na documentação agora, só para ter um registro e depois conversar com a bibliotecária sobre a questão do acervo bibliográfico que veio, claro, seria ótimo.

BPE 1 - Sim, claro. No acervo, a gente começou a produzir essas pastas (azuis), mas aí também não veio as pastas novas. E aí fica uma coisa, a gente mudou o acondicionamento aqui, de umas 4 pastas, né? Mas o resto continua sem ser mexido.

APÊNDICE G - Entrevista BPE 2

Entrevista feita em 5 de abril de 2024, na R. Riachuelo, 1190 - Centro Histórico, Porto Alegre, no processamento técnico.

Pesquisador - Nome e função na BPE:

BPE 2 - C. A. A. G., bibliotecária.

Pesquisador - Como foi o primeiro contato com o acervo do IGTF?

BPE 2 - Os livros vieram da FIGTF. Eu estava trabalhando e nem levantei a cabeça. Botaram em umas estantes lá dentro.

Pesquisador - Ficaram parados?

BPE 2 - Não, eu tinha os estagiários curriculares de biblio e pedi para eles colocarem uma certa ordem alfabética de título.

Pesquisador - Eles não vieram organizados?

BPE 2 - Se não me engano, não veio lista nenhuma dos livros. Eu não recebi aqui embaixo (no processamento técnico), eu não recebi nada. A diretora disse Cris para tudo aí e vocês têm que começar a fazer uma listagem do material que está aí.. E parou tudo ali. A catalogação de tudo. E tinha até um voluntário que trabalhava. Cada um, pegava na caixa, pegava o que tinha dentro e botava o título numa planilha. Só o título. Fizemos essa lista, depois cada um fazia uma parte, depois mandava para um que colava no Excel.

Pesquisador - Foi no excel?

BPE 2 - Que me lembro sim, daí um tempo depois veio a ordem, tem que começar a catalogar, então. Ah, aí assim, como a biblioteca, que já tinha muito material dentro da literatura gaúcha e livros de folclore gaúcho. Então eu peguei assim, eu comecei a pinçar esse material que era fácil de classificar e catalogar, e que eu me lembrava que já tinha na base. Então a gente começou com esse material mais fácil e que a gente já estava com o registro, né? Até eu me lembro que a Morgana queria que eu classificasse outros livros. Assim, ó, já que o Ministério Público (MPRS) em cima da

Secretaria importante eu me lembro, tá? E aí, a Secretaria (Secretaria da Educação do RS) em cima da Morgana, a Morgana em cima de mim, eu em cima do estagiário, e ele em cima dos livros, né? Então foi uma escala. E isso foi até a pandemia, a gente colocou bastante livro do IGTF, mas ainda tem bastante ali dentro que ainda ainda não está disponível para o usuário.

Pesquisador - Os livros que foram registrados estão como IGTF ou não?

BPE 2 - A gente sempre colocou na catalogação uma nota dizendo "Biblioteca do IGTF"

Pesquisador - Esse é um dos principais pontos do meu trabalho.

BPE 2 - Então, então pode puxar na nossa base tudo que está lá do IGTF. Claro, nós tivemos doações anteriores do IGTF, então temos alguma coisa assim da fundação e até da época que ele era só o instituto. É, já tinha alguma coisa doada para nós. Então sem o IGTF na frente, só O IGTF depois (da extinção).

Pesquisador - Estes não tem a identificação da coleção IGTF

BPE 2 - Então a gente cuidou desse material que veio dessa doação anterior. Eu não botei essa nota porque não? Porque não sabíamos que ia extinguir, mas dá para puxar por outro lugar. Eu tenho ali, não é ali dentro do sistema, dá para puxar esse material do IGTF anterior ao Sartori.

Pesquisador - Identificando a coleção?

BPE 2 - Todos que fizeram parte da biblioteca da FIGTF, está sempre isso aqui, coleção IGTF.

BPE 2 - Até a pandemia, aí acabou.

Pesquisador - Parou tudo?

BPE 2 - Sim. Tudo. Aí quando a gente voltou não tinha mais essa cobrança. Claro, tem outras coisas também para fazer. O que sobrou ali ficou um material mais para catalogar.

Pesquisador - Outras demandas?

BPE 2 - Sim, as demandas mudam, claro. Os folhetos que eu fico meio torta, o que que eu vou fazer com isso, né? Mas é importante. Estão ali. Tu quer dar uma olhadinha, né?

Pesquisador - Gostaria sim, claro. Com licença? Vamos lá.

BPE 2 - É tudo o que está nas suas prateleiras pretas. Está essa parte aqui está meio complicada, porque andaram (outras pessoas) me botando coisa aqui que não era do FIGTF. Mas, a princípio, são essas 2 todas. E aí eu eu lembro que a colega Fátima e o Bruno pegaram a listagem essa geral do FIGTF e pinçaram dessa, fizeram uma outra lista dos livros que interessava a eles. Aí quando eu comecei a olhar, a lista foi folclórico do Paraná. Como assim no setor Rio Grande do Sul? o Fátima, esse livro aqui não é para vocês. Ah, Cris, mas é que disseram que o que era para a gente pensar do FIGTF? Não, não, mas aí desvirtua o setor que organizou porque tem livros aqui muito sobre açorianos (Portugal). Que não são os nossos. É lá deles, sabe não lá da ilha, de oceano mesmo, Açores. E muito o livro de literatura. Este livro de literatura, não é para o RS agora, porque é FIGTF mas eu não vou enfiar no setor do Rio Grande do sul.

Pesquisador - Faz sentido...

BPE 2 - Aí assim, eu falei com a Mariana Morgana, como é que a gente vai resolver esse esse negócio? Ah, pois é que por enquanto não dá para mandar para o setor de empréstimo. Mas agora, como agora tá mais tranquilo, vou mandar esse material pro setor de empréstimo com aquela nota. O exemplar fez parte da coleção do FIGTF e vai estar disponível para empréstimo.

Pesquisador - Vai estar disponível?

BPE 2 - Claro, não faz sentido, certo? É uma boa solução? Acho que sim. porque eu não vou desvirtuar o setor só porque veio do FIGTF,

Pesquisador - Mas o Ministério público não deu uma certa autonomia para as instituições organizar esse acervo?

BPE 2 - Eu não li nada. Acho que ele sim, acho que na prática sim, Mas a Morgana não me permitia mandar esse livro para o setor de empréstimo na primeira.

Pesquisador - Mas está identificado a coleção FIGTF em todos?

BPE 2 - Estou colocando a nota na indexação. Ah, perfeito na nota está lá. É o problema? Sim, mas é aquela coisa do setor de empréstimo, viu? Pode ir, não voltar mais. Empréstimo tem isso, a pessoa perde, a pessoa assaltada, a pessoa leva não, não aparece nunca mais na biblioteca. Mas, claro, aqui ainda tem bastante coisa para para trabalhar do FIGTF.

Fonte: BPE (2024).

APÊNDICE H - Entrevista MARS

Entrevista feita em 19 de abril de 2024, na Rua Sete de Setembro, 1020, s. 22

Porto Alegre.

Pesquisador - Nome e função no Museu.

MARS - Meu nome é F. T., eu sou analista, arqueólogo. De uma semana pra cá eu consigo falar pelo acervo, pois antes eu era de outro setor.

Pesquisador - Conhecia o IGTF?

MARS - Não. Eu era de outra área. O acervo está em um local provisório, ainda não temos local definitivo para ele, aliás nós (MARS) ainda não temos local definitivo... Né, então as coisas do IGTF ficam nessa sala que é fechada de um lado mas aberta do outro, lá é fechada com "coisas" que às vezes tem uma cadeira fechando. Tá tudo aqui mas não temos luvas pra te dar para manusear o acervo.

Pesquisador - Posso ver as pastas?

MARS - Se não tirar do saquinho, pode. É, vamos ver, por exemplo, essa aqui. Ela está identificada como festas populares, fotos, o nome das festas e o local. Isso foi feito pelo responsável anterior, só que eu acredito que ele não colocou a localização delas, não é, até porque não tem numeração na estante nem na prateleira.

Pesquisador - Não tem nada da pasta nem do local dela em planilha, catálogo?

MARS - A gente não saberia nem onde procurar. Imagino que ele (responsável anterior) não tenha feito. A esse ponto, tá? Vou ter que ver, mas não dá para ver que não tem numeração nas prateleiras, né? E como as pastas não estão numeradas, tu não consegue chegar nelas por uma tabela, ainda bem que não é 1 o volume muito grande, a gente conseguiria achar.

Pesquisador - E aí essas pastas aqui que eu estou vendo que são de documentos, né? Papel, foto...

MARS - Eu não sei, agora eu fiquei na dúvida, né? Olhando assim dá pra ver que

tem diferença entre elas, então talvez o anterior tenha colocado na pasta. Posso perguntar e te passar depois?

Pesquisador - E além disso (pastas com fotos), vocês têm o acervo físico bem variado em formatos, botas, roupas...

MARS - Em isso a gente tem um material 3D aqui a gente tem couro, sapatos, vestimenta. Esse 3D é a maior parte deles. A estagiária fez essa higienização, colocou o TNT (tecido não tecido) por cima, porque aqui um dos problemas dessa sala é justamente que ela dá para 7 de Setembro, que passa muito carro, muita fuligem. Então a nossa preocupação inicial foi tentar fazer o que a gente podia para preservar, até porque a própria sala não é climatizada.

Pesquisador - Eu estou vendo essas botas de couro aqui de pele de animais e ela tem uma identificação. Essa identificação, ela foi feita pela estagiária que cobriu o acervo com TNT?

MARS - Ela não fez identificação nenhuma. Quando ela chegou aqui, as coisas já estavam assim, o que não tinha é esse tratamento de conservação, ela fez uma higienização. Nem esse condicionamento assim para com TNT, né? É, é basicamente isso. E teve uma outra estagiária da Museologia também, se eu não me engano, que estava fazendo o inventário das das monografias, da famuca,

Pesquisador - Ela terminou?

MARS - Sim, mas eu ainda não sei onde está. Vou ver se acho para te mandar.

Pesquisador - E como faz para pesquisar? Catálogo, planilha, site?

MARS - Aqui está no site do museu, a gente tem aqui o tanakan que é um repositório digital para colocar acervos e aí a gente está aqui. A gente tem no acervo etnográfico, a gente não tem inventário completo também. A gente tem uma estimativa de quantidade. O pessoal chuta entre 4.000 e 6.000 peças (total do MARS) no etnográfico, no arqueológico, a gente já tem uma estimativa, a gente tem um inventário que tem até 22.000 peças, mas a gente sabe que tem mais. A estimativa é que chegue a quase 30.000. É que o arqueológico é maior, porque se contabiliza os fragmentos, né? Então, mas assim, a nossa ideia é colocar tudo isso

online no Tainacan, que é uma coisa assim, tu faz assim o site, tu vê o serviço etnográfico, tu consegue pesquisar.

Pesquisador - já tem algo do IGTF no site?

MARS - As peças? Tem até agora, inclusive, a gente quer colocar tudo. Todo o acervo do museu e entraria no site, também as coisas que vieram do IGTF, inclusive as monografias da Palestrina. É, e esse inventário das monografias para colocar, só que as monografias a gente quer colocar também os PDF.

Pesquisador - Alguém procura por itens do IGTF?

MARS - Sim. Acho que a coisa que a gente mais recebe. É. Eu vou dizer, é, a cada 3 ou 4 meses chega um e-mail de alguém querendo consultar alguma coisa da Palestrina, essas monografias, né?

Pesquisador - Então existe uma procura pelo acervo da Palestrina?

MARS - Existe. Eu vou chutar que é uma vez a cada 4 meses, mas 3 a 4 vezes no ano. Nesse último ano, acho, foi umas 3. 4 pessoas que entraram em contato. E aí a gente quer muito digitalizar (as monografias da Palestrina) para as pessoas já nem precisar vim aqui, né? Nem precisa entrar na sala também, já acessa esse material. Só que aí leva tempo, né? Aí aquilo que eu estava te falando do museu, né? A gente não tem sede, nunca teve, né? Não teve sede. E nós somos hoje 3 servidores trabalhando no museu. Aí eu, como sou arqueólogo, e 2 antropólogas. E aí a gente tem que cuidar desse acervo todo aqui, além das tarefas ordinárias, assim, a gente ainda agora a gente está montando uma mostra. Daqui uns meses deve ter outra exposição.

Pesquisador - Difícil administrar tudo?

MARS - Como eu te falei, né? Faz mais ou menos uma semana que eu fiquei responsável pelos acervos. Eu fiz um projeto para tratar dos macro problemas dos acervos todos, inclusive entra essa questão de inventariar todos e colocar a disponibilização online. Mas aí é um cronograma que a gente está tentando rever, não é? Porque eu comecei a fazer uma coisa mais realista, pensando assim está se eu fizer isso como uma atividade paralela das minhas tarefas do dia a dia, quanto

tempo dá aí? Agora a gente já está trabalhando, pensando que existe a previsão do prédio entrar em obra daí a gente poderia focar nos trabalhar com acervo. Aí seria um ano, um ano e meio, talvez focando no acervo. Aí então tem que rever se esse cronograma. Ah.

Pesquisador - Porque a maioria das peças aqui, pelo que eu vi, elas estão só colocadas, não é não. Como assim é aquilo que tu falou antes, não é? A pessoa precisa de um determinado, sei lá, vestimenta, calçado ou chapéu. Ela tem que vir aqui garimpar, porque não tem o mínimo de nomenclatura, né?

MARS - É isso aí. Isso é uma coisa que a gente está fazendo aos poucos, mas a gente não está fazendo do IGTF. Outros, sim. Lá, no acervo arqueológico e etnográfico ficou em outro prédio. A gente já está fazendo essa sistematização da própria localização, enumerando as estantes, as prateleiras, já indicando em que lugar está cada peça, para a gente fazer essa busca mais fácil. Aqui (acervo do IGTF) a gente ainda não fez, né? Aqui não tem ar-condicionado, papelão, um TNT, papel manteiga, enfim, nada. Neste arquivo estão as fitas VHS, que eu acho que está muito magnetizado, tem bastante fita aqui (mostrando fitas num armário gaveteiro sem identificação).

Pesquisador - Tu sanou as minhas necessidades de informação de tratamento, né? Do acervo, infelizmente, a gente sabe que no momento não tem. É o que eu estou vendo, né? Não existe agora uma ação para o tratamento, né?

MARS -É isso aí, a gente dentro daquele projeto que eu te falei que a gente vai começar. Executar a gente vai. Isso, claro que é, uma das principais razões é justamente a gente disponibilizar no Tainacan.

Pesquisador - Eu vi no site da Musecom 24 fotos que eu não sei de onde são. Não, eu não sei o que que motivou aquela foto, se foi um festival, se foi 1 passeio, se foi 1 exposição, se foi um desfile, né, folclórico? Não existe o registro do porquê. O contexto, de cada um dos itens, e isso vocês vão fazer aqui também?

MARS - Toda a informação que a gente tiver, a gente vai colocar disponível, a gente tentará botar o máximo. É possível até por isso que demora um pouquinho porque a

gente tem que ir atrás dessas informações.

Fonte: MARS (2024b)

APÊNDICE I - Entrevista AHRS

Entrevista feita em 23 de abril de 2024, na Rua Sete de Setembro, 1020 - 2º andar
Porto Alegre (não gravada).

1. Qual o seu nome completo, onde trabalha, sua função nesta Instituição e a coleção que recebeu do FIGTF? *V. B. S., Analista Arquivista, coleção dos Festivais da Canção Nativa*

2. Antes da extinção e do deslocamento do acervo da FIGTF você tinha conhecimento do mesmo? *Não tinha conhecimento da Fundação e seu acervo, acredito que demais colegas do AHRS e outras instituições possuíam maiores informações a respeito.*

3. Quais os impactos iniciais enfrentados no ato da aquisição/recebimento da coleção destinada a esta Instituição? *O primeiro dos impactos é questão Arquivística quanto ao respeito aos Fundos, um dos princípios fundamentais que foi atingido, ocorrendo a separação de um conjunto documental, um acervo que se complementa nos seus variados tipos documentais e suportes de informações bem como a repercussão pública diante da dispersão que se reflete ainda hoje. A necessidade que atualmente existe do pesquisador visitar várias instituições para acesso ao acervo físico. Outro impacto versa sobre as atividades do AHRS, que de certa forma, foram comprometidas diante a necessidade em desocupar o espaço de armazenamento onde funcionava a instituição FIGTF, visto que as profissionais foram deslocadas ao CAFF para o trabalho físico junto à documentação a fim de efetuar-se o recolhimento e trabalho mais voltado especificamente a este Fundo. Do mesmo modo, outro impacto que podemos apontar foi o questionamento de como se daria a ocupação física do acervo em reserva técnica, considerando o espaço já bastante limitado e já destinado a demais fundos. Entretanto a situação foi sanada e tivemos condições para armazenamento do acervo recolhido.*

4. Como está sendo feito o tratamento da coleção hoje? Foi considerada a organização anterior? *O Fundo FIGTF que compreende os Festivais da Canção Nativa foi recolhido em 2017, recebendo tratamento documental de forma*

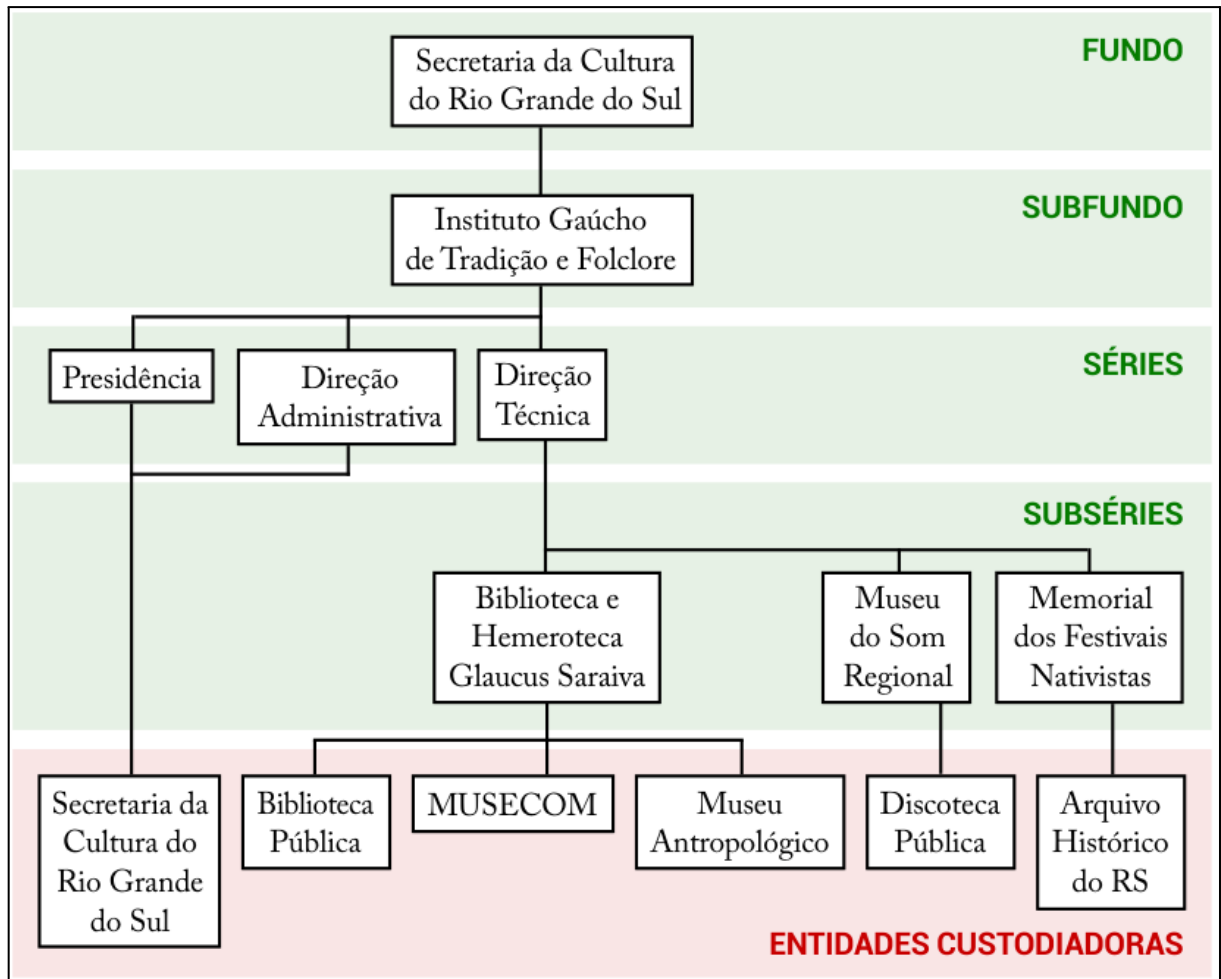
imediate, demos prioridade ao acervo e o trabalho foi concluído em 2 (dois) anos. Assim, desde 2019 está disponível à pesquisa. Consiste nos nomes dos Festivais em ordem alfabética e ano de cada Festival. Procuramos manter a ordem original de uma organização prévia que já havia sido realizada por integrante da Fundação. As atividades junto a este Fundo destinaram-se a substituição de caixas e envelopes antigos, a elaboração de novas etiquetas de identificação e elaboração do Instrumento de busca. O acervo contém muito material excedente como material de divulgação duplicados ou formulários em branco os quais foram mantidos e não sofreram nenhuma eliminação. O trabalho foi desenvolvido por duas Arquivistas e apoio de Estagiário Graduando em História.

5. *Quais as medidas tomadas para permitir o acesso da sociedade ao mesmo? O Fundo FIGTF recolhido ao AHRS já está organizado e liberado à pesquisa. Temos instrumento de busca em meio físico que fica disponibilizado diretamente ao pesquisador no AHRS. Há ainda em meio digital que pode ser enviado via e-mail quando o pesquisador solicita informações, ação que facilita a decisão do mesmo. Para o acesso à documentação física o pesquisador agenda com a instituição e pode enviar e-mail para agendamento-ahrs@sedac.rs.gov.br*

6. *Qual a importância do acervo do FIGTF para a memória do RS segundo sua opinião? A produção artística musical do Rio Grande do Sul, o legado deixado pelos artistas nas músicas produzidas e premiadas que integram os eventos folclórico-tradicionistas do Estado, alguns deles produzidos ou sob apoio do FIGTF.*

Fonte: AHRS (2024).

ANEXO A - Organograma das Entidades Custodiadoras



Fonte - Rio Grande do Sul (2022).

ANEXO B - Acervo MARS (pastas A-Z)

LI EM PASTAS A-Z PESQUISA FOLCLÓRICA - FIGTF/MARS

Dezembro/2022

Acervo recebido pelo MARS em Agosto/Setembro de 2017, formado por 53 pastas A-Z compondo a pesquisa folclórica do FIGTF. Cada pasta reúne documentos, fotos e, em alguns casos, negativos fotográficos, apresentados de acordo com os temas trabalhados pela Instituição. Apresentam-se acondicionados em sacos plásticos, a maioria sem identificação padrão e sem datação. No MARS, encontram-se organizadas por temáticas, dispostas em 3 estantes, na Sala Décio Freitas - IGTF, 1o Piso MRS.

A seguir apresentamos os títulos das 53 Pastas, conforme sinalização original feita nas lombadas das Pastas A-Z, pelos técnicos IGTF (s/d):

Estante 1 - 23 Pastas:

1. Fotos Históricas
2. Projetos
3. Polos Culturais
4. Tradição e Folclore
5. Instrumentos e Entrevista - IGTF GA (?)
6. Indumentária gaúcha - fotos e gravuras (Luis Hyarup - diversos)
7. Trovadores - cantadores de décimas - gaiteiros
8. Instrumentos musicais diversos - indígenas - fotos (Municípios: Alegrete, André da Rocha, Caçapava, Cacequi, Cachoeira do Sul, Encruzilhada do Sul, Iraí, Palmares, Pantano Grande, Porto Alegre, Rio Pardo, Santa Cruz do Sul, Santa Maria)
9. Instrumentos Musicais Gaita - (Municípios: Bento Gonçalves, Osório, Porto Alegre, Santa Maria, São Sebastião do Cai)
10. Instrumentos Musicais.
11. Danças 1
12. Danças 2 - pesquisa
13. Danças 3 - pesquisas já editadas
14. Danças 4
15. Danças Fotos 1/2 (24, Americana, Baile do Masque, Chico do Porrete, Chula, Congresso do Folclore, Pau de fitas, Roseira)
16. Danças Fotos 1/3 (Careca caiu n'água, Chico Sapateado, Chimarrã, Chote Afigurado, Chote largado, Congada, Engenho Queimado, Girassol, Polca marcada, Polonaise)
17. Danças Fotos 2/3 (Chotes de carreirinho, Chotes de roda, Conter (alemã), Hacken Schottisch, Havaneira Marcada, Herr Smith (alemã), Mazurca Marcada, Pressioneira (alemã), Rutsch-polca (Alemã), São Gonçalo do Amarante, Sarrabalho, Spazler Waltzer (alemã)
18. Música - pasta 1 - partituras
19. Música - Pasta 2
20. Música - Pasta 3
21. Partituras
22. Décimas Payadas, causos e trovas - Pasta 1/2 Pesquisa
23. Décimas Payadas, causos e trovas - Pasta 2/2 Pesquisa

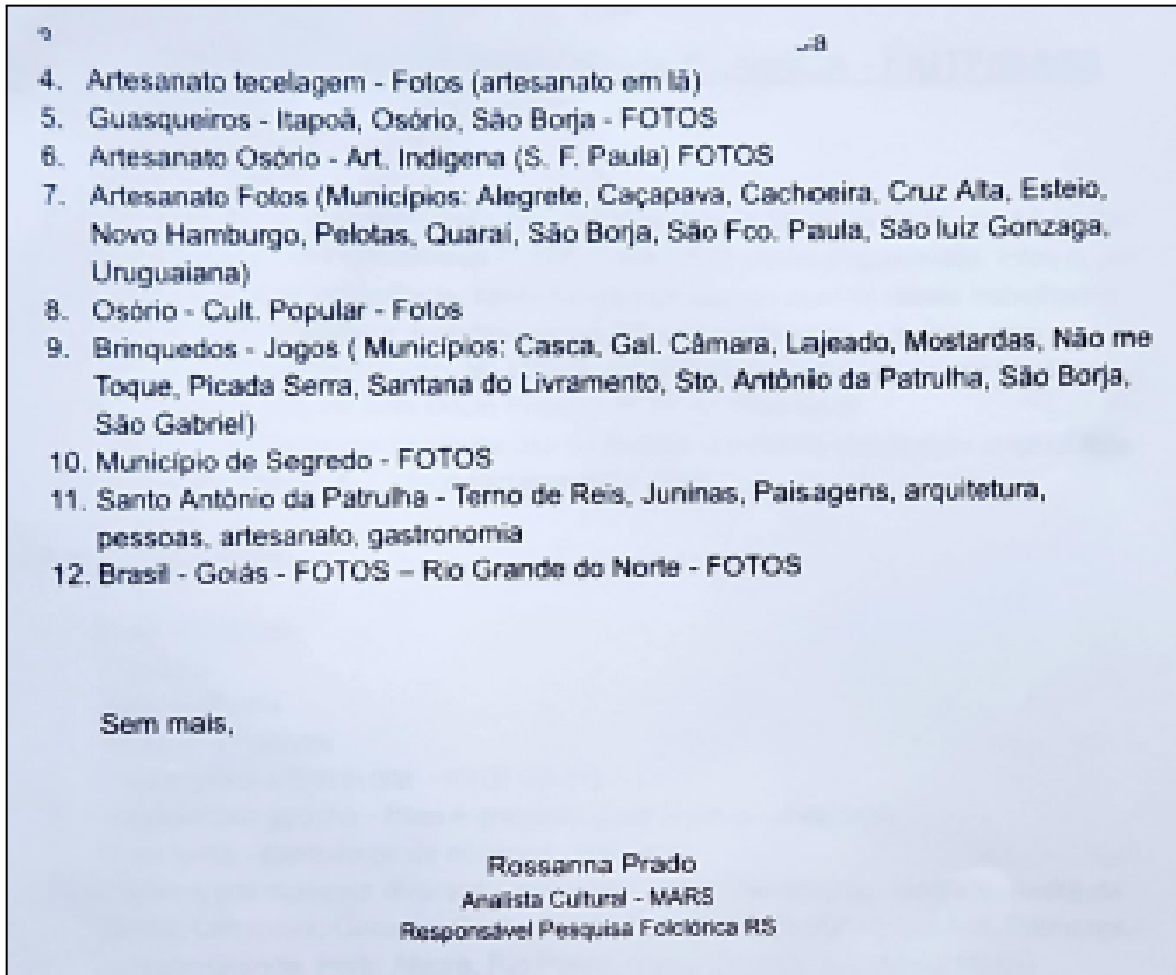
E-

Lista 2

2. Religiosidade - Santos Padroeiros, Navegantes, São Benedito, Quicumbi Rio Pardo.
3. Religiosidade - Natal, Terno de Reis, Festa do Divino, Santos Padroeiros, Cantos.
4. Festas Populares - Terno de Reis - FOTOS Pasta ¼ (Municípios: ???)
5. Festas Populares - Terno de reis - FOTOS 2/2 (Municípios: ?)
6. Ternos de Reis e Festas Juninas - Pesquisa
7. Festas Populares - Festa do Divino - FOTOS (Municípios: ?)
8. Festas populares - Festas Juninas - FOTOS (Municípios:?)
9. Festas Populares - Congadas - Fotos (Osório)
10. Festas Populares - Carnaval - Festival Rei do Tiro (Municípios:?) FOTOS
11. Festas Populares - Fotos (Festa de Iemanjá (Guaíba), Ensaio promessa Quicumbi (Mostardas), Procissão de Iemanjá (POA), Bumba Meu Boi (Encruzilhada do Sul), Nossa Sra Navegantes (Pinhal), Missa do Galo (Osório), N. Sra. Navegantes (POA), Procissão de São Cristóvão, N. Sra. Caravaggio (Farroupilha), Festa De Sta Rita de Cássia (POA), Festa de São Jorge (POA), Corpus Christi (Flores da Cunha), Natal (Cachoeira do Sul), Festa da Colheita (Lajeado), October Fest (POA)
12. Cavalhadas - FOTOS (Municípios: Alegrete, Gravataí, Sto Antonio Patrulha, Viamão) - FOTOS
13. Transportes, Carretas, Carroças - FOTOS (Municípios: Encruzilhada do Sul, Goiabeiras, Ijuí, Itapoá, Itaqui, Panambi, Santa Rosa, São Fco. Paula, São Gabriel)
14. Agricultura, Pecuária, Pesca (Municípios: Arroio de Ouro, Farroupilha, Frederico Westphalen, Guaíba, Nhu Porã, Osório, Santa Catarina, Santana do Livramento, São Borja, Tramandaí)
15. Rodeios - FOTOS (Municípios: Alegrete, Esteio, Lajeado, Osório, Porto Alegre, Sapiranga, Uruguai, Vacaria)
16. Arquitetura - Casas, Fornos de Barro, Objetos - FOTOS (Municípios: Campo Bom, Garopaba/SC, Guaíba, Mostardas, Novo Hamburgo, Quaraí, Santa Vitória do Palmar, Santana do Livramento, Santiago, São Borja, Viamão)
17. Arquitetura- Paisagens - Monumentos, Imagens Palanques Antropomórficos - FOTOS (Municípios: Arroio do Ouro, Caçapava, Criúva, Itaqui, Lajeado, Paraguarí, Porto Alegre, Rio Grande, Rio Pardo, São Gabriel, São Miguel, Sorocaba-SP, Tramandaí, Vacaria)
18. Arquitetura - Túmulos, Placas, Capelas, Casas Prédios - FOTOS (Municípios: Alegrete, Brasília, Caçapava, Cachoeira, Ivoti, Lagoa Vermelha, Livramento, Mostardas, Osório, Piratini, Porto Alegre, Quaraí, Rio Grande, Rio Pardo, Rosário, São Borja, São Gabriel, São Marcos, Sorocaba, Taquari, Terra de Areia, Torres, Tramandaí, Triunfo, Vacaria, Viamão)

Estante 3 - 12 Pastas:

1. IGTF Cozinha Rural - Diversos (Municípios: Equipe de trabalho IGTF, Cardeal Lercaro, Objetos de osso, couro, Navio Cargueiro, Objetos Diversos, Afiador de facas, semana Farroupilha, reserva de Índios Gaingangues, Olaria a campo, Mesa dos Inocentes)
2. O Mate Chimarrão - Pesquisa - Caio Flávio Prates da Silveira



Fonte: MARS (2024a).